



MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO

SUP. REG. DO TRABALHO E EMPREGO EM GOIÁS- SRTE/GO

Seção de Inspeção do Trabalho

Grupo Especial de Fiscalização Rural

ERRADICAÇÃO DO TRABALHO ESCRAVO

RELATÓRIO DE FISCALIZAÇÃO

(Olarias Buriti Alto)



PERÍODO: DE 14/03/2011 a 15/04/2011

LOCAL: Gouvelândia-GO.

COORDENADAS GEOGRÁFICAS: S 18°38'34.2" e WO 50°10'04.4"

ATIVIDADE: Olarias - produção de artefatos cerâmicos (tijolos comuns).

OP 34/2011

ÍNDICE

ITEM DO RELATÓRIO	PÁG.
INTEGRANTES DA EQUIPE	03
I- Motivação da Ação Fiscal	04
II- Identificação do empregador	04
III- Dados Gerais da Operação	04
IV- Do Empregador e sua Atividade Econômica	05
V- Descrição Geral da Situação encontrada nas Olarias de Gouvelândia-GO	05
VI- Da Responsabilidade do Empregador	09
VII- Das Irregularidades Específicas e Das Condições Degradantes Constatadas nas Olarias do Empregador	22
VII- Da Coação Moral	27
VIII- Das Ações Administrativas Executadas:	29
a. Da Interdição das Atividades e das Moradias	29
b. Das Rescisões dos Contratos de Trabalho	29
c. Do Pagamento das Verbas Rescisórias	29
d. Da Emissão das Guias de Seguro Desemprego de Trabalhador Resgatado	30
e. Dos Autos de Infração Lavrados	30
IX – Relação de trabalhadores resgatados	32
X- Da Duração das condições de degradância	32
XI- Caracterização do Trabalho Análogo à Condição de Escravo	32
1. Conceitos de Trabalho Escravo à Luz da Organização Int. do Trabalho	33
2. Conceito de Trabalho Escravo no Ordenamento Jurídico Nacional	33
3. Espécies de Trabalho Escravo. Figuras Típicas	36
3.1. Condições Degradante	37
3.2. Conceito de Condições Degradantes	37
XII- Conclusão	38
XIII- Resultado da Ação Fiscal	39
XIV- Outras infrações e Sugestão de Envio de Cópia Deste	40
XV- Relação de Documentos Anexos	41

GRUPO ESPECIAL DE FISCALIZAÇÃO MÓVEL

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO:

1. [REDACTED] (Auditor-Fiscal do Trabalho) – COORDENADOR
2. [REDACTED] (Auditora-Fiscal do Trabalho);
3. [REDACTED] (Auditora-Fiscal do Trabalho)
4. [REDACTED] (Auditor-Fiscal do Trabalho);
5. [REDACTED] (Auditor-Fiscal do Trabalho);
6. [REDACTED] Motorista);
7. [REDACTED] (Motorista);
8. [REDACTED] (Motorista);
9. [REDACTED] Agente Administrativo);
10. [REDACTED] (Agente Administrativo);

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO:

11. [REDACTED] (Procuradora do Trabalho, Ofício de Rio Verde-GO);
12. [REDACTED] (Procuradora do Trabalho, Ofício de Rio Verde-GO);
13. [REDACTED] (Motorista, Ofício de Rio Verde-GO);

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL:

14. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)
15. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)
16. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)
17. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)
18. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)
19. [REDACTED] (Policial Rodoviário Federal)

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL:

20. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
21. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
22. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
23. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
24. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
25. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
26. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
27. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)
28. [REDACTED] (Escrivão de Polícia Federal)
29. [REDACTED] (Agente de Polícia Federal)

I - MOTIVAÇÃO DA AÇÃO FISCAL:

Apuração de denúncias feitas à Superintendência de Regional do Trabalho e Emprego em Goiás (SRTE-GO), noticiando a existência de trabalho infantil em várias Olarias do município de Gouvelândia, localizadas basicamente em 03 (três) regiões: Lagoa do Caracol, Lagoa do Buriti Alto e Lagoa Bonita. As solicitações de fiscalização originaram do Ministério Público Estadual da Comarca de Quirinópolis-GO, do Ministério Público do Trabalho Ofício de Rio Verde-GO e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quirinópolis-GO (cópias das denúncias em anexo).

II- IDENTIFICAÇÃO DO EMPREGADOR:

01) Dono da Olaria:

a) Nome: [REDACTED]

Alcunha: [REDACTED]

b) CPF: [REDACTED]

c) R.G.: [REDACTED]

d) Endereço estabelecimento: GO-206, km 90, mais 32 km à direita (Gouvelândia sentido Inaciolândia), Olaria Região Buriti Alto, Zona Rural de Gouvelândia-GO.

e) Endereço para correspondência: [REDACTED]

f) Fone: [REDACTED]

02) Proprietário da Fazenda (co-responsável):

a) Nome: [REDACTED]

Alcunha: [REDACTED]

b) CPF: [REDACTED]

c) R.G.: [REDACTED]

d) Endereço estabelecimento: GO-206, km 90, mais 32 km à direita (Gouvelândia sentido Inaciolândia), Olaria Região Buriti Alto, Zona Rural de Gouvelândia-GO.

e) End. p/ corr: [REDACTED] Fone: [REDACTED]

III - DADOS GERAIS DA OPERAÇÃO:

Empregados em atividade no estabelecimento: 09		
Homens: 07	Mulheres: 02	Menores: 00
Registrados durante ação fiscal: 09		
Homens: 07	Mulheres: 02	Menores: 00
Resgatados: 09		
Homens: 07	Mulheres: 02	Menores: 00
Menores do sexo masculino (0-16): 00 Menores (16-18): 00		
Adolescente com mais de 16 anos exercendo atividade proibida: 00		
Valor bruto da rescisão R\$ 35.351,41*		
Valor líquido recebido R\$ 30.401,41*		
Número de Autos de Infração lavrados: 08		
Número de CTPS emitidas: 02		
Número de Guias de Seguro Desemprego emitidas: 09		
Número de CAT emitidas: 00		
Termos de interdição/embargo lavrados: 01		

* Obs.: Todos os trabalhadores possuíam dívidas com o empregador, um deles com valor superior a R\$ 6 mil. Porém, os descontos se limitaram ao permitido pela legislação trabalhista.

IV- DO EMPREGADOR E SUA ATIVIDADE ECONÔMICA:

O Sr. [REDACTED] é proprietário de 02 (duas) olarias, uma instalada na Fazenda Buriti Alto, de propriedade do Sr. [REDACTED] e a outra instalada na Fazenda Lagoa Bonita, de propriedade do Sr. [REDACTED]. Para isso pactuou verbalmente com os proprietários dessas fazendas supostos contratos de arrendamentos, apesar de arrendamento não se tratar, conforme abaixo se explicará.

Sua principal atividade econômica é a produção de tijolos comuns nas 02 (duas) olarias que possui.



Foto 01 – Tijolos comuns em processo de queima.

Além dessas olarias, o Sr. [REDACTED] possui um pequeno supermercado na cidade de Gouvelândia-GO (Supermercado Cristo Reis - Av. João de Oliveira Gouveia, 499, Centro), onde alguns trabalhadores afirmaram fazer compras à prazo (fiado), mas não eram obrigados a comprar unicamente naquele estabelecimento.

V - DESCRIÇÃO GERAL DA SITUAÇÃO ENCONTRADA NAS OLARIAS DE GOUVELÂNDIA-GO¹:

A Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Goiás (SRTE-GO) recebeu, por parte do Ministério Público do Trabalho, solicitação de fiscalização nas Olarias do município de Gouvelândia. O pedido inicial teria partido do Ministério Público Estadual da Comarca de Quirinópolis, após recebimento de relatórios do Conselho Tutelar do município de Gouvelândia noticiando a existência de trabalho infantil nas referidas Olarias.

Então, em 14.02.2011, uma equipe de Auditores-Fiscais do Trabalho realizou um levantamento parcial da situação nas principais olarias do município. Dias depois, compareceram na Supe-

¹ Os fatos narrados neste item, bem como as fotografias apresentadas, referem-se à situação geral encontrada pela Auditoria-Fiscal nas olarias de Gouvelândia, não sendo específica de uma ou de outra. No entanto, a situação era semelhante em todas elas, principalmente naquelas pertencentes aos 13 (treze) empregadores onde houve a caracterização de submissão de trabalhadores à condição análoga à de escravo. A diferença estava apenas na menor ou maior gravidade da situação. Por exemplo: em algumas olarias as instalações sanitárias constituíam-se de latrinas "imundas", noutra sequer havia tais instalações, sendo as necessidades fisiológicas feitas no meio do mato.

rintendência Regional do Trabalho em Goiás um grupo de cerca de 8 (oito) empregadores, acompanhados do prefeito de Gouvelândia, Sr. [REDACTED] solicitando informações e prazo para se adequarem à legislação trabalhista (Vide carta de solicitação em anexo).

Depois de várias discussões entre os Auditores-Fiscais do Trabalho integrantes da equipe de fiscalização rural e os chefes de fiscalização da SRTE-GO ficou acertado na SRTE-GO que inicialmente seria feito um seminário na cidade de Gouvelândia. Para isso os empregadores seriam notificados pela fiscalização para comparecer a tal evento e receber todas as orientações necessárias. Então, os Auditores-Fiscais deslocaram para a região na data de 14.03.2011. No dia seguinte, iniciamos um levantamento mais aprofundado dos fatos. Durante 04 (quatro) dias visitamos todas as olarias do município. Foram entrevistados trabalhadores, bem como inspecionadas suas condições de trabalho e de moradia.

Ao final do levantamento mais aprofundado da situação, as equipes de fiscalização da SRTE-GO não apenas identificaram a existência de trabalho infantil em várias olarias, como também constataram que quase todos os trabalhadores oleiros estavam trabalhando e vivendo em condições subumanas, num total desrespeito aos direitos fundamentais mínimos do ser humano. Moradias com estruturas precaríssimas; telhados cobertos com lona; paredes rachadas, escoradas com pedaços de madeiras e com sérios riscos de desabamento; ausência de instalações sanitárias (as necessidades eram feitas no meio do mato ou em privadas extremamente fétidas); falta de locais para banho (o banho era tomado com o uso de uma balde); a água para beber tinha aparência turva e era tirada de poços abertos; ausência de fossas sanitárias; esgoto a céu aberto; e ausência de condições mínimas de higiene e conforto formava o panorama geral da situação encontrada nas mais de 30 (trinta) olarias inspecionadas.

Interessante ressaltar que em todas essas olarias havia energia elétrica, não se entende, inicialmente, o porquê da ausência de água encanada, de instalações sanitárias e de chuveiros quentes nas residências dos oleiros. No entanto, no decorrer das inspeções, foram encontradas algumas respostas para alguns desses problemas. De fato, foi constatado que a situação de exploração e miséria desses trabalhadores era tamanha que sequer conseguiam pagar a energia consumida por um chuveiro. Foram encontrados casos em que o morador havia instalado chuveiro quente, mas o retirou posteriormente devido ao valor da energia que não conseguia pagar. Tudo leva a crer que a ausência dessa estrutura mínima das moradias, como por exemplo, chuveiro quente, se dava de forma intencional, para diminuir as despesas com as famílias dos oleiros.



Foto 02: moradias precárias, sem condições de habitação.



Foto 03: trabalhadores dormindo de forma deplorável.



Foto 04: instalação sanitária improvisada.



Foto 05: cisterna aberta (água usada para beber e cozinhar)



Foto 06 e 07: locais para banho: sem portas, sem chuveiros (usava-se um balde com água), sem asseio e higiene.



Além dos fatos acima narrados, vários outros problemas foram identificados durante as inspeções, dos quais destacamos: falta de fornecimento de equipamentos de proteção para o trabalho (EPIs); trabalhadores com problemas de saúde (e desamparados pela Previdência Social, uma vez não eram registrados), certamente em consequência dos processos arcaicos de produção (principalmente dores na coluna decorrentes de posturas incorretas durante o trabalho e dos inúmeros movimentos de agacha-levanta realizados diariamente); endividamento dos trabalhadores durante o período das chuvas, quando a produção é consideravelmente reduzida, gerando uma espécie de coação moral e psicológica dos empregadores em relação aos oleiros (algumas famílias tinham dívidas de até R\$ 16.000,00 para com os empregadores), caracterizando, assim, em alguns casos, a servidão por dívida; condições de trabalho penosas, insalubres e perigosas; instalações elétricas com riscos de choque; falta de realização exames médicos, dentre muitas outras infrações.

Em regra, o processo de produção de tijolos nessas olarias é totalmente arcaico: a argila é extraída manualmente da lagoa; em seguida a mesma é transportada em carroças puxadas por animais (ou tratores velhos); depois a terra é preparada (misturada e amassada) numa engenhoca chamada de “pipa”, a qual é movimentada por animais (algumas possuem a maromba, mas o processo de produção não deixa de ser rude); em seguida, a argila é carregada em blocos para um terreiro aonde é cortada, manualmente, utilizando-se de formas; em seguida, já moldurados, os tijolos são esparramados no terreiro para secar; após secos, são empilhados em grandes caieiras e queimados por 03 a 04 dias, ficando prontos para venda.

Veja nas fotos a abaixo a sequência parcial do processo de produção de tijolos, atentando-se para a falta de fornecimento de EPIs, posturas inadequadas e prejudiciais à saúde dos trabalhadores, movimentos repetitivos, etc.



Fotos 08 e 09: argila sendo transportada numa carroça e sendo preparado na "pipa", puxada por um cavalo.



Fotos 10 e 11: Tijolos sendo moldurados manualmente e colocados para secar, à luz do sol



Fotos 12 e 13: Tijolos sendo empilhados, formando caieiras com 100 mil unidades, e tijolos já em processo de queima.

Durante a realização de nossos trabalhos, dois problemas paralelos nos foram apresentados e merecem destaque: 1º) além de alguns trabalhadores que se encontravam doentes e sem condições de trabalho, apareceram outros casos de ex-oleiros que haviam trabalhado muitos anos naquelas olarias e também estavam doentes. Como sempre trabalharam na informalidade (sem registro e sem a carteira de trabalho anotada) não eram segurados da Previdência Social e, consequentemente, não faziam

jus a nenhum benefício previdenciários como o auxílio doença ou aposentadoria por invalidez. Estavam totalmente desamparados, alguns sobrevivendo de favores de parentes; 2º) Era comum os oleiros se endividarem no período das chuvas (pois só recebiam se produzissem), “pegando” adiantamentos ou vendendo antecipadamente, a preços menores, sua parte da produção de tijolos. Com isso, muitos ficavam “presos” ao empregador, impedidos moral e psicologicamente de deixar a olaria, enquanto não quitadas as dívidas. Apesar de inexistir coação física, foram constatados casos de retenção de objetos pessoais dos trabalhadores como forma de garantia de pagamento das dívidas. Num dos casos, o irmão de um trabalhador-vítima [REDACTED] nos procurou quando estávamos numa olaria e os objetos foram devolvidos na nossa presença, para o irmão do trabalhador, [REDACTED]. Tratava-se de roupas, panelas, banheira infantil e até um berço. A retenção se deu para garantia de uma suposta dívida de R\$ 200,00 (duzentos reais) oriunda de adiantamento para aquisição de gêneros alimentícios. Já em outro caso, o ex-oleiro [REDACTED] teve os seus objetos pessoais e sua mobília também retida por um dono de olaria para garantia de pagamentos de dívidas. Tratava-se de um fogão quatro bocas, um fogão de duas bocas, dois botijões, uma televisão colorida de 20 polegadas, uma antena parabólica Centurty, a maioria de suas roupas pessoais e de sua família, uma cama beliche, uma cama de casal com colchão, roupas de cama, uma caixa grande de enxoval, uma mesa, panelas, pratos e talheres e demais utensílios de cozinha, bem como um armário de madeira e várias ferramentas (machado, machadão, alavanca, um tambor de 200 litros de plástico). Tais objetos estavam de posse do empregador, Sr. [REDACTED] em sua própria casa, há mais de 02 anos, desde dez/2008 e só foram entregues ao Sr. [REDACTED] na presença de nossa equipe (Auditores-Fiscais e Policiais Federais).

Aparentemente, ambos os casos trata-se de situações pontuais. No entanto, representam uma carga intimidatória muito maior, possuindo uma dimensão coletiva. Isso porque atingia, indiretamente, toda a comunidade de oleiros da região, uma vez que as olarias ficavam próximas umas das outras e era comum o oleiro mudar de uma para outra. Assim, tais atos causavam temor em boa parte dos demais oleiros endividados que temiam sofrer represálias semelhantes caso optassem por romper os contratos e abandonar o local.

Diante da gravidade da situação encontrada nas referidas olarias os Auditores-Fiscais da SR-TE-GO não vislumbraram outra solução senão o resgate desses trabalhadores daquela situação de degradância a que estavam sendo submetidos. Tal posição foi corroborada pelos membros do Ministério Público do Trabalho, ofício de Rio Verde-GO, que também participaram da operação. Nossa convicção se deu pela quantidade e gravidade das lesões aos direitos fundamentais dos trabalhadores oleiros, posição ainda fortalecida pelo fato de que a situação em que se encontravam os oleiros não era passível de correção imediata, demandando inclusive, em muitos casos, a construção de novas moradias.

VI- DA RESPONSABILIDADE:

A atividade de fabricação de tijolos se desenvolvia da seguinte forma: em primeiro momento o fazendeiro firmava, verbalmente, um suposto contrato de arrendamento com o suposto arrendatário. Este, por sua vez, avençava um suposto contrato de meação com o encarregado da exploração do negócio, que, a seu turno, contrata outros trabalhadores para a produção de tijolos.

Trata-se, na espécie, de industrialização de produtos cerâmicos (tijolos comuns), cuja atividade era executada pelo Sr. [REDACTED] doravante denominado suposto arrendatário, em duas propriedades rurais, consoante especificação que ora se registra:

1ª) Fazenda Buriti Alto, de propriedade do Sr. [REDACTED] A retribuição ao fazendeiro dava-se com 18% da produção, entregue pelo explorador, o suposto arrendatário, o qual a seu turno, havia contratado três gerentes comissionistas, com remuneração de 50% da produção de [REDACTED]

tijolos queimados: [REDACTED]

Doravante, os gerentes comissionistas, serão intitulados supostos meeiros.

2ª) Fazenda Lagoa Bonita, de propriedade do Sr. [REDACTED] A retribuição ao fazendeiro dava-se com 17% da produção, entregue pelo explorador, o suposto arrendatário, o qual a seu turno, havia contratado um gerente operacional – [REDACTED] – suposto meeiro, à base de comissão, no percentual de 50% da produção de tijolos queimados.

Em resumo, o Sr. [REDACTED] pactuou um suposto contrato de arrendamento com o Sr. [REDACTED] (Fazenda Buriti Alto), onde este fazendeiro cederia a olaria para fabricação de tijolos, recebendo em troca, livre de quaisquer custos, um percentual 18% da produção total de tijolos. Já em relação à segunda olaria (instalada na Fazenda Lagoa Bonita) o Sr. [REDACTED] pactuou nos mesmos termos com o Sr. [REDACTED] porém este ficaria somente com 17% da produção.

Denominam os referidos pactos de contratos de arrendamento de terras. Todavia da espécie não se trata, porque a atividade econômica exercida enquadra-se como industrial, dado que a argila, matéria-prima do tijolo, transforma-se na aparência e na qualidade num novo produto, agora industrializado, o qual, após se submeter ao elevado calor (queima), modificando, pois, a natureza constitutiva originária.

Do mesmo modo, não se pode cogitar de um pretenso contrato de parceria agrícola, conforme adiante se esclarece.

Outrossim, não há falar-se também em atividade industrial em estabelecimento agrário, porque para ser considerada como tal, consoante Decreto n. 73.626 de 1974, somente poderia compreender o primeiro tratamento dos produtos agrário in natura, sem transformá-los em sua natureza, tais como: o beneficiamento, a primeira modificação e o preparo dos produtos agropecuários e hortigranjeiros e das matérias-primas de origem animal ou vegetal para posterior venda.

O Contrato de arrendamento é o ato jurídico celebrado entre o proprietário (possuidor, usufrutuário ou arrendador), que cede o imóvel, no todo ou em parte, a outro (arrendatário), que nela explorará uma atividade econômica, por prazo certo ou não, e por certo preço, para a exploração agrícola, pecuária, agro-industrial, extrativa ou mista.

Espécies de Arrendamento:

- a- Arrendamento agrícola: este arrendamento é para o cultivo de espécies vegetais;
- b- Arrendamento pecuário: este arrendamento é para a criação, recriação, invernção ou terminação de gado (bovino, eqüino, ovino e bubalino)
- c- Arrendamento agro-industrial: este arrendamento é para o beneficiamento de produtos agrícolas, pecuários ou vegetais, no qual as instalações industriais são de propriedade do arrendador ou delas seja este legítimo possuidor;
- d- Arrendamento de extração: este arrendamento é para que o arrendatário explore a extração de espécimes florestais nativas (madeiras, palmitos), animais (pesca) ou agrícola (madeiras cultivadas como o eucalipto), que são de propriedade do arrendador;
- e- Arrendamento misto: quando o contrato de arrendamento abranger mais de uma das modalidades de exploração (agrícola e pecuário) ou o plantio de arroz e as instalações de seu beneficiamento industrial.

Não há falar-se do mesmo modo, de contrato de parceria, posto que esta modalidade contratual diz respeito a um ato jurídico de natureza agrária.



Parceria Rural é o contrato agrário celebrado entre o parceiro-outorgante (proprietário ou usufrutuário do bem), que cede ao parceiro-outorgado, por tempo determinado ou não, o uso específico do imóvel rural, incluindo ou não as benfeitorias, outros bens ou facilidades, com o objetivo de nele ser exercido a exploração agrícola, pecuária, agro-industrial, extrativa vegetal ou mista, e/ou lhe entregue animais para cria, recria, invernagem, engorda ou extração de matérias primas de origem animal, mediante partilha de riscos (caso fortuito ou força maior) do empreendimento rural e dos frutos e produtos ou lucros havidos, conforme previsão e percentuais da lei (art. 96, VI do Estatuto da Terra), no qual o parceiro-outorgado que participará do empreendimento com a sua mão-de-obra em sentido amplo. É comum o parceiro-outorgado participar com o conjunto familiar.

Espécies de Parceria Rural:

- a- Parceria agrícola: quando o objeto da cessão for o uso do imóvel rural, de parte ou partes do mesmo, com a finalidade de se exercer atividade de produção vegetal;
- b- Parceria pecuária: quando a finalidade da cessão forem de animais para cria, recria, invernagem ou engorda;
- c- Parceria agro-industrial: quando a finalidade da cessão for o uso do imóvel rural, de parte ou de partes do mesmo, e/ou maquinaria e implementos com o objetivo de ser exercida atividade de transformação do produto agrícola, pecuário ou florestal;
- d- Parceria extrativa: quando a finalidade da cessão for o uso do imóvel rural, de parte ou de partes do mesmo, e/ou animais de qualquer espécie com o objetivo de ser exercida atividade extrativa de produto agrícola, animal ou florestal e
- e- Parceria mista: quando a finalidade da cessão abranger mais de uma das modalidades de parceria rural.

Depreende-se da natureza da relação contratual entabulada pelas partes, que constituíram uma sociedade de fato, em cuja avença ficou determinação da participação de cada qual.

Outro enquadramento não é possível senão o de sociedade comum (de pessoas) reguladas pelo NCC, o qual no artigo 981 expressa, verbis:

"Celebram contrato de sociedade as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir, com bens ou serviços, para o exercício de atividade econômica e a partilha, entre si, dos resultados."

Colhem-se os ensinamentos doutrinários contidos nos comentários do artigo, segundo o Novo Código Civil Comentado (Coordenação Ricardo Fiúza), 2ª Edição, 2003:

"A sociedade, assim, é um contrato bilateral ou plurilateral em que as partes, ou seja, os sócios, combinam a aplicação de seus recursos com a finalidade de desempenhar certa atividade econômica, com a divisão dos frutos ou lucros por ela gerados. Três são os elementos essenciais da sociedade definidos por este art. 981: 1) a reunião de recursos, sob a forma de capital ou de trabalho, com cada sócio colaborando na sua formação; 2) o exercício em comum de atividade produtiva; e 3) a partilha ou divisão dos resultados econômicos da exploração da empresa. De acordo com o parágrafo único do art. 981 a sociedade pode constituir-se tanto para executar um objeto delimitado como para desempenhar uma atividade econômica contínua. Esse preceito procura alcançar, simultaneamente, a idéia de unidade e pluralidade no ato de constituição da sociedade. O elemento subjetivo da norma indica que pode integrar uma sociedade qualquer pessoa, seja ela física ou jurídica."

Ainda é no NCC que encontramos o regime jurídico, distribuídos em diversos artigos, destinados à sociedades comuns e de fato, verbis:



“Art. 986. Enquanto não inscritos os atos constitutivos, rege-se a sociedade, exceto por ações em organização, pelo disposto neste Capítulo, observadas, subsidiariamente e no que com ele forem compatíveis, as normas da sociedade simples”

Note-se que a sociedade em comum é um tipo de sociedade não personificada, constituída de fato por sócios para o exercício de atividade empresarial ou produtiva, com repartição de resultados, mas cujo ato constitutivo não foi levado para inscrição ou arquivamento perante o registro competente. As disposições deste capítulo sobre a sociedade em comum servem para regular as relações entre os sócios e destes com terceiros anteriormente à aquisição de personalidade jurídica pela sociedade. A norma deste art. 986 excepciona da aplicação do regime da sociedade em comum.

A responsabilidade de cada sócio também foi regulada pelo Novo Código Civil, fazendo-o no artigo 990, verbis:

“Todos os sócios respondem solidária e ilimitadamente pelas obrigações sociais, excluído do benefício de ordem, previsto no art. 1.024, aquele que contratou pela sociedade.”

Enfatize-se-se que tanto na sociedade em comum, como na sociedade de fato, não possuindo personalidade jurídica, importa na situação de que não existirá, conseqüentemente, separação entre o patrimônio da sociedade e o patrimônio particular dos sócios no caso de execução de dívidas contraídas pela sociedade.

A seu turno, a art. 1.024 complementa taxativamente: *“Os bens particulares dos sócios não podem ser executados por dívidas da sociedade, senão depois de executados os bens sociais”*.

Todavia, no caso do sócio que contratou em nome da sociedade, como sócio ostensivo e responsável pela assunção da obrigação, fica este excluído do benefício de ordem previsto no art. 1.024, podendo seus bens particulares ser objeto de execução antes dos bens dos demais sócios.

No caso de insuficiência de bens por parte do sócio ostensivo, todos os demais sócios respondem solidária e ilimitadamente pelas obrigações contraídas em nome da sociedade em comum.

Da sociedade de fato entre o suposto arrendatário e os supostos meeiros. Inadequação do tipo. Desconfiguração.

Durante as inspeções, entrevistas foram realizadas com os trabalhadores, com os supostos meeiros (gerentes comissionistas puros), supostos arrendatários e com os fazendeiros. Fatos foram constatados e provas da real relação jurídica foram levantadas. A seguir, registre-se as declarações dos supostos meeiros, figuradas inclusive em Termo de Depoimento prestado perante o Ministério Público do Trabalho.

Primeira olaria do Sr. [REDACTED] instalada na fazenda do Sr. [REDACTED]

1º Meeiro: [REDACTED] brasileiro, oleiro, casado, RG [REDACTED] CPF nº [REDACTED] residente e domiciliado na Faz. Buriti Alto, Z. Rural de Gouvelandia-GO, veio para a fazenda Buriti Alto, para trabalhar na olaria do suposto arrendatário na função de suposto meeiro, com remuneração de 50% da produção. Declarou que ficou com o encargo de pagar os salários dos trabalhadores, ficando por conta do suposto arrendatário os demais encargos, dentre os quais, os de pagar energia, insumos, matéria-prima, equipamentos, maquinários e animais. Declara, outrossim, que desde o início sempre comercializa sua produção diretamente para o suposto arrendatário.

tário. Relata que por entender que o suposto arrendatário sempre lhe sustenta financeiramente, sente-se na obrigação de vender a produção a ele, apesar de não ser obrigado a tanto. Que iniciou as atividades em janeiro de 2011. Produziu muito pouco, motivo pelo qual o custeio da olaria e das necessidades da família ficou a cargo do suposto arrendatário. Despesas estas que serão deduzidas dos futuros repasses no período de seca. Declara, outrossim, que comprou a metade da olaria onde trabalha do suposto arrendatário por R\$ 4.000,00, tendo a perspectiva de pagá-la no futuro próximo, quando começar a ganhar dinheiro no período da seca. Mora num casebre, sem vaso sanitário, tendo uma privada no meio do mato.

2º Meeiro: [REDACTED] brasileiro, oleiro, casado, RG [REDACTED] Declarou que veio para a fazenda Buriti Alto, por conta própria, para trabalhar na olaria do suposto arrendatário [REDACTED] na função de suposto meeiro, com remuneração de 50% da produção; que ficou com o encargo de pagar salários de qualquer trabalhador que vier a auxiliá-lo nos trabalhos; que as demais despesas da olaria ficaram a cargo do suposto arrendatário, dentre os quais, os de fornecer energia, insumos, matéria-prima, equipamentos, maquinários e animais. Declara outrossim, que desde março de 2010, sempre comercializa sua produção diretamente para o suposto arrendatário. Relata também que por entender que o suposto arrendatário sempre lhe sustenta financeiramente, principalmente no período chuvoso, sente-se na obrigação moral de comercializar sempre com o suposto arrendatário. Que pactuou a comissão de 50% sobre a produção. Que o preço atual de mercado R\$ 160,00 o milheiro. O Último repasse foi de apenas R\$ 140,00 o milheiro. Que na época das chuvas (novembro a março) produz muito pouco, período cujo custeio da olaria e das necessidades da família, fica a cargo do suposto arrendatário, posto que feitas no nome deste. Despesas estas que serão deduzidas dos futuros repasses no período de seca. Declara que atualmente está devendo em torno de sete a R\$ 1.000,00 (um mil reais) para Sr. [REDACTED]

3º meeiro: [REDACTED], brasileiro, casado, oleiro. Declarou que veio para a fazenda Buriti Alto, por conta própria, para trabalhar na olaria do suposto arrendatário [REDACTED] na função de suposto meeiro, com remuneração de 50% da produção; que ficou com o encargo de pagar salários de qualquer trabalhador que vier a auxiliá-lo nos trabalhos; que as demais despesas da olaria ficaram a cargo do suposto arrendatário, dentre os quais, os de fornecer energia, insumos, matéria-prima, equipamentos, maquinários e animais; que desde junho de 2010, sempre comercializa sua produção diretamente com o suposto arrendatário; que, por entender que o suposto arrendatário sempre lhe sustenta financeiramente, principalmente no período chuvoso, sente-se na obrigação moral de vender parte da produção sempre para o mesmo. Que pactuou a comissão de 50% sobre a produção. Que o preço atual de mercado é de R\$ 160,00 o milheiro, mas que o último repasse foi de apenas R\$ 140,00 o milheiro. Que na época das chuvas (novembro a março) produz muito pouco, período cujo custeio da olaria e das necessidades da família, fica a cargo do suposto arrendatário, posto que feitas no nome deste. Despesas estas que serão deduzidas dos futuros repasses no período de seca. Declarou, ainda, que atualmente está devendo em torno de sete a R\$ 1.000,00 (um mil reais).

Segunda olaria do Sr. [REDACTED]: instalada na fazenda do Sr. [REDACTED]

Meeiro: [REDACTED] brasileiro, casado, oleiro, portador do RG [REDACTED] inscrito no CPF sob o nº [REDACTED], residente na Fazenda Lagoa Bonita, Z. Rural, Gouvelândia-GO, CEP 75869-970.

Indagado, declarou que veio para a fazenda Lagoa Bonita, para trabalhar na olaria do suposto arrendatário [REDACTED] na função de suposto meeiro, com remuneração de 50% da produção. Declarou que ficou com o encargo de pagar os salários dos trabalhadores, ficando a cargo do suposto arrendatário os demais encargos, dentre os quais, os de pagar energia em mês

alternado, fornecer insumos, matéria-prima, equipamentos, maquinários e animais. Declara outrossim, que desde o início, sempre comercializa sua produção diretamente para o suposto arrendatário.

Relata que o suposto arrendatário sempre lhe sustenta financeiramente e que, por isso, lhe exige venda exclusiva, não tendo a liberdade para vender sua parte da produção; declara ainda o suposto meeiro que se sente na obrigação de vender sempre ao Sr. [REDACTED] e, inclusive é obrigado a tanto. Que o Suposto arrendatário somente lhe remunera a produção a 50% - preço atual de mercado R\$ 150,00 o milheiro. O Último repasse foi de apenas R\$ 120,00 o milheiro. Que na época das chuvas (novembro a março) produz muito pouco, período cujo custeio da olaria e das necessidades da família, fica a cargo do suposto arrendatário, posto que feitas no nome deste. Despesas estas que serão deduzidas dos futuros repasses no período de seca. Declara que atualmente está devendo em torno de R\$ 8.000,00 (oito mil reais). Outrossim declarou que na época da seca, tira em torno de R\$ 700,00. Que quando o suposto meeiro, o Sr [REDACTED] reclama com o depoente e também para outras pessoas. Que quando adoece, nada recebe, porque só recebem quando laboram.

Cumprе inicialmente observar, contudo, que durante todo o tempo de execução do contrato, os supostos meeiros jamais obtiveram o resultado da metade da comercialização da venda do produto. A uma, porque o suposto arrendatário decididamente transgrediu a natureza primária do contrato. Com efeito, ao podar lhes a liberdade de comercialização do produto, no concernente à sua quota-parte, minou-lhe toda a essência do pacto. É dizer, retirou-lhe a condição de sócio, por roubar-lhe as características natas daquela condição, entre as quais, o *affectio societatis*.

De outra banda, não se olvide que o suposto arrendatário, continuou o tempo todo a suprir as necessidades vitais de alimentos e outros gêneros, não somente ao suposto meeiro, mas também aos demais empregados da olaria, apesar de o gerenciamento operacional ficar a cargo do suposto meeiro.

Tem-se, portanto, como real empregador o suposto arrendatário.

A razão é latente e cristalina. Ora, o que se tem na espécie é que os supostos meeiros traduziram-se numa espécie empregador aparente, sendo o verdadeiro, na realidade o único que sempre foi, o suposto arrendatário. Os suposto meeiros sempre laboraram lado a lado dos demais colaboradores, retirando apenas o sustento para sobrevivência mínima durante todo o interstício em que durou o contrato. Em grande parte, segundo apurou-se, após o repasse pelo suposto arrendatário aos supostos meeiros, após o desconto do fornecimento de suprimentos de primeira necessidade, nada lhes sobravam. Ficavam com a maior parte das despesas, no período das secas (abril a setembro), quando havia produção efetiva, com pequeno valor, e por vezes até com 'saldo devedor'. Melhor sorte não possuía no período de chuvas.

Como sabido, o intenso período chuvoso que vai de outubro a março de cada ano, dificulta senão praticamente impossibilita a execução da atividade de produção de tijolos, dado o elevado amadorismo com que se desenvolve a atividade econômica. Fazem-no de forma artesanal, que compreende as seguintes fases: A argila é extraída da lagoa e devidamente transportada numa carroça puxada por animais (burros, cavalos e bois); o preparo que consiste no amassamento é realizado numa pipa, conhecida como maromba, impulsionada por animais (cavalos ou junta de bois); corte das peças (molduramento); secagem ao sol; enformamento (em caieiras) e queima com o uso de lenha. Inobstante as dificuldades que se lhes apresentam, conseguem a todo custo, produzir em todo o período de chuva, apenas em média duas caieiras de 80 milheiros de tijolos.

Revela observar por oportuno, que a mísera quantidade que é destinada aos supostos meeiros, neste período de chuvas, não lhe suprem as necessidades primárias, aptas a lhe proporcionar segurança alimentar, tampouco o suprimento das outras exigências ordinárias para uma vida digna, tais

como higiene, escola, saúde, boa moradia dentre tantas outras. Para isso (garantia das necessidades básicas mínimas) é levado ao endividamento para com o suposto arrendatário.

Destarte, têm-se por indubitosa a onerosidade excessiva a que se submeteu o suposto meeiro com relação ao suposto arrendatário, dado o alto grau de fragilidade em que se encontrava no momento da pactuação do contrato. Nesse passo, fica afastada a modalidade contratual originariamente eleita pelas partes de contrato de meação, porque da espécie não se trata (adiante se demonstrará a patente necessidade de declaração de nulidade, por impossibilidade do cumprimento do avençado).

O NCC regula a matéria ora examinada, *in verbis*:

"Art. 104. A validade do negócio jurídico requer: I e III – omissis; II – Objeto lícito, possível, determinado ou determinável" (grifou-se).

Ora, impossível se tornou ao suposto meeiro o cumprimento da obrigação que assumiu. As condições implementadas não o permitiam adimpli-las a partir do instante em que o suposto arrendatário modificou unilateralmente as circunstâncias do contrato. Passou a adquirir a preço subfaturado o produto da quota-parte (metade) do meeiro, atribuindo, portanto, valor inferior ao do mercado. A par disso, o suposto arrendatário aproveitando-se da extrema carência do suposto meeiro, apressou-se desde o início, em patrocinar o fornecimento de gêneros alimentícios e outros de primeira necessidade.

As dívidas dos trabalhadores, notadamente dos supostos meiros, ao longo do tempo foram se avolumando, gerando um círculo vicioso e produzindo a impossibilidade de sua quitação.

Depreende-se dos fatos e das circunstâncias aferidas que os supostos meiros, desde o início dos pactos, jamais suportaram os ônus que lhes fora atribuídos porque não tiveram condições de implementar as obrigações do contrato, tais como pagar salários, energia e outras despesas.

Doravante, passa-se à fundamentação jurídica, a partir dos fatos apurados.

Restou-lhes, afinal, suportarem a lesão e a onerosidade que derivou dos fatos ora narrados. Portanto, o consentimento dos supostos meiros quando da entabulação dos contratos, padecem de vício insanável, gerando por conseguinte a invalidade do avençado, posto que a despeito de, no campo dos contratos, a liberdade de manifestação do consenso é a regra, no presente caso, os consentimentos não o foram de forma livre, tampouco corresponderam efetivamente à vontade dos contratantes. Sabe-se que as respectivas cláusulas dos contratos geram força obrigatória, gerando, em princípio, intangibilidade de seu conteúdo.

Hodiernamente, contudo, sofreu tal princípio atenuações e ressalvas. Uma das quais, decorre do postulado da vedação do enriquecimento sem causa. Ademais, construiu-se na doutrina e devidamente acatada pela jurisprudência, a teoria da imprevisão.

Anota o civilista Eugênio Kruchewsky (Teoria Geral dos Contratos Civis, Ed. Jus podivm) o que se segue: *"A aplicação da teoria da imprevisão autoriza a extinção do contrato ou a sua revisão para diminuição das prestações, nos limites estabelecidos pelo art. 479, CC, ou seja, desde que aquele que se beneficie com a onerosidade aceite a revisão. Caso não a aceite, o contrato poderá ser extinto."*

Sabe-se que os supostos meiros jamais tiveram a liberdade de negociar qualquer cláusula. Ao revés, foram ao longo do tempo endividando de tal forma, que gerou em tese, espécie de servidão por dívida.

O NCC, art. 138, a respeito do tema, reza: *“são anuláveis os negócios jurídicos, quando as declarações de vontade emanarem de erro substancial que poderia ser percebido por pessoa de diligência normal, em face das circunstâncias do negócio.”*

No concernente a lesão, o NCC a define no artigo 157: *“Ocorre a lesão quando uma pessoa, sob premente necessidade, ou por inexperiência, se obriga a prestação manifestamente desproporcional ao valor da prestação oposta.”* E a tem como motivo de anulabilidade do negócio jurídico, consoante preceito contido no artigo 171, verbis: *“Além dos casos expressamente declarados na lei, é anulável o negócio jurídico: I- omissis; II – por vício resultante de erro, dolo, coação, estado de perigo, lesão ou fraude contra credores(destacou-se).*

A priori, buscou-se o amparo do NCC para proceder-se à subsunção dos fatos à norma, subministrados pelo que ordinariamente acontece no mundo dos contratos, quando uma das partes revela-se extremamente hipossucente e fragilizada e completamente vulnerável sob o ponto de vista da autonomia da vontade, na relação. Circunstâncias tais que nomeadamente se conformam com os ditames da teoria geral e dos institutos regulados pelo código civil.

Nos moldes em que conduziu a relação jurídica e sobretudo pela lesão que provocou, face à onerosidade excessiva, cometeu destarte o arrendatário ato ilícito, consoante dicção do artigo 187, do NCC: *“Também comete ato ilícito titular de um direito que, ao exercê-lo, excede manifestamente os limites impostos pelo seu fim econômico ou social, pela boa-fé ou pelos bons costumes.”*

A juridicidade da técnica de integração das normas encontra-se perfeitamente autorizada pelo regime celetizado, conforme disciplinada no artigo 8º, combinado com o parágrafo único do mesmo dispositivo, cujo teor, é o que a seguir se expõe: *“Art. 8º: As autoridades administrativas e a Justiça do Trabalho, na falta de disposições legais ou contratuais, decidirão, conforme o caso, pela jurisprudência, por analogia, por equidade e outros princípios e normas gerais de direito, principalmente do direito do trabalho, e, ainda, de acordo com os usos e costumes, o direito comparado, mas sempre de maneira que nenhum interesse de classe ou particular prevaleça sobre o interesse público. Parágrafo Único. O direito comum será conte subsidiária do direito do trabalho, naquilo em que não for incompatível com os princípios fundamentais deste.”*

O suposto arrendatário tentou compartilhar e na maior parte do tempo transferir a maior parte dos riscos e dos ônus do empreendimento aos supostos meeiros. Fato que restou incontroverso no decorrer da apuração. A sociedade tão desejada pelas partes revelou-se inviável à luz das normas protetivas do direito laboral, cuja vocação tuitiva não permite a precarização das relações de trabalho, através de uma supersubordinação de um dos pactuantes ao outro.

A propósito, mister se faz esclarecer a diferença entre contrato de sociedade e contrato de emprego. Nesse passo, traz-se à baila os escólios dos doutrinadores cujos textos expõem-se a seguir.

Discorrendo sobre contrato de sociedade e contrato de emprego, preleciona o Eminentíssimo Ministro do TST Mauricio Gondinho Delgado – Curso de Direito do Trabalho, Ltr, 8ª Edição, pg. 556, verbis: *“ Na sociedade o objeto principal do contrato é a formação de determinada entidade, com a conseqüente obtenção de resultados concretos em decorrência de seu surgimento e atuação (inclusive lucro, se for o caso). Além disso, nessa figura jurídica, relacionam-se os sócios em posição de igualdade ou disparidade entre si, conforme sua participação no capital social, porém sem que existam a noção e a realidade de subordinação entre eles.” Na sociedade prepondera – e é essencial – o elemento especial da affectio societatis, que faz convergir os interesses dos sócios para o mesmo fim. Os sócios participam, em conjunto, da formação da vontade social; essa confluência de vontades é parte integrante da idéia, estrutura e dinâmica próprias à figura societária. No contrato de traba-*

lho, em vez disso, o poder de direção concentrado no empregador e a subordinação jurídica a que se sujeita o empregado levam, regra geral, a um recorrente unilateralismo na formação da vontade no contexto empregatício. Evidentemente que a democratização das relações de trabalho poderá atenuar, cada vez mais, essa dissincronia de vontades no âmbito da relação de emprego; mas tal atenuação não será apta a romper os limites básicos de poder firmados pela própria existência da propriedade desigual entre os sujeitos contratuais. Os riscos do empreendimento, na figura societária, necessariamente recaem sobre os sócios, embora a legislação admitia uma gradação variável na responsabilidade de cada um. No contrato de trabalho, ao revés, os riscos, como regra, não podem ser imputados ao empregado, admitindo a ordem justtrabalhista apenas algumas poucas hipóteses de atenuação de sua regra geral. A tudo isso pode acrescentar-se, finalmente, nova distinção, vinculada à retribuição material dos sujeitos contratuais. Na sociedade, a retribuição dos sócios é incerta, aleatória, podendo jamais se concretizar. É o que se verificaria em entidades sem fins econômicos, por exemplo, ou em sociedades em constantes situação de prejuízo. Já na relação empregatícia é impensável a ocorrência desse tipo de repercussão jurídica. De fato, não há como pensar-se, juridicamente, em contrato empregatício sem um mínimo de retribuição material ao sujeito empregado, seja pelo fato de ser a onerosidade elemento fático-jurídico constitutivo da relação de emprego, seja pelo caráter forfetário do salário (que mantém a obrigação empresarial de pagamento da parcela mesmo em situação de insolvência da empresa). Registre-se que, mesmo com respeito ao empregador, será remota a ocorrência efetiva de pactuação de um contrato de trabalho sem um mínimo de real prestação laborativa em favor da empresa (embora neste caso, tecnicamente, isto seja possível: art. 4º, CLT).

Alice Monteiro de Barros, Curso de Direito do Trabalho, LTr, 6ª Edição, de forma bastante didática, preleciona sobre sociedade de fato, nos seguintes termos: “O contrato de sociedade é aquele pelo qual as pessoas, reciprocamente, obrigam-se a contribuir com bens ou serviços, para o exercício de atividade econômica e a partilhar entre si os resultados (art. 981 do Código Civil de 2002).

Os principais traços apresentados pela doutrina que distinguem o contrato de trabalho do contrato de sociedade são: a) o caráter fixo do salário; b) a *affectio societatis*; c) a subordinação jurídica do empregado.

O primeiro critério, de acordo com o qual o empregado recebe salário fixo, o que não ocorre com o sócio, é insatisfatório, pois nem sempre o salário do empregado é fixo, podendo ser variável, à base de comissões. Por outro lado poderá ocorrer de os sócios auferirem pro labore fixo. O segundo critério adotado para distinguir a sociedade do contrato de trabalho é a *affectio societatis*, ou seja, o espírito de comunhão e identidade de interesses que se extrai da intenção dos sócios de compartilhar lucros e perdas. É um elemento subjetivo, ausente no contrato de trabalho, em que o empregado poderá participar dos lucros em intensidade menor do que a dos sócios, mas não participará das perdas, pois quem assume os riscos do empreendimento econômico é o empregador, por força do art. 2º da CLT. A relação de emprego ainda não é associativa, situando-se no campo da contraprestação. Finalmente, o critério mais útil à distinção entre os dois contratos é a subordinação jurídica, presente no contrato de trabalho e ausente na relação associativa.

Do empregador aparente:

Dentro do contexto que ora se discute, urge a premente necessidade de esclarecimento da figura do empregador aparente.

Os supostos meeiros foram o tempo todo considerados os verdadeiros empregadores. Eles próprios, moralmente, sentiam-se no dever de cumprir as obrigações derivadas das contratações por eles levadas a efeito, embora o poder diretivo fosse exercido o tempo todo pelo suposto arrendatário. Veja-se o que a abalizada doutrina a respeito se pronuncia.

Segundo o magistério de Paulo Emílio R. de Vilhena – Relação de Emprego – Estrutura Legal e Pressupostos, LTr 3ª edição: *Dos mais contraditórios em Direito, são os casos de aparência que gera eficácia jurídica. Sua significação consiste na eficácia jurídica que as situações aparentes, normalmente, contém, como se encontrassem integradas por todos os elementos da realidade fática que, juridicamente, as deveria compor.*

Não se desconhece que a relação de emprego funda-se em uma situação nitidamente real, e entre o real e o declarado dá-se indiscutível prevalência ao primeiro, se não coincidem.

A hipótese de empregador aparente adite-s, quase sempre, em decorrência de suposição do empregado e das circunstâncias que o rodeiam quanto às formas de relacionamento. Essas circunstâncias levam o julgador à convicção de que aquele que se toma por empregador reúne todos os requisitos inerentes a essa qualidade. Tais requisitos principiam pelo exercício do poder de comando, a colheita dos resultados da atividade, a personificação do explorador do negócio, o pagamento da remuneração etc. Nada estranha seja resultante de uma situação simulatória, engendrada pelo empregador real, com o intuito de ocultar-se. Acontece, porém, de outro lado, que, em legislação tutelar, como o é a do trabalho, essas situações prestam-se na maioria das vezes à fraude e essa fulmina a relação aparente. Aplica-se, ainda aqui, o preceito do art. 9º da CLT, com a declaração da nulidade e a reposição dos fatos em sua realidade e desta extraindo-se os devidos efeitos."

Outras figuras jurídicas violadas. Da Remuneração

O empregador vem comprometendo na época chuvosa, todo o salário do empregado com alimentação e produtos de primeira necessidade. Em razão da parcial suspensão das atividades, o empregador continua o fornecimento, promovendo o competente desconto, quando da produção das tarefas no período das secas.

Considerando que a remuneração paga ao empregado, normalmente, é utilizada por este para a satisfação de suas necessidades pessoais e familiares, é irrelevante se o empregador efetue o pagamento em dinheiro ou em outros bens capazes de proporcionar ao obreiro igual proveito. Diante disso, como regra, a lei reconhece que integram o salário todas as utilidades fornecidas pelo empregador aos obreiros. As ressalvas apostas a tal regra, pelo legislador, têm em mira estimular sejam atendidos outros fins sociais, igualmente relevantes (CLT, art. 458, § 2º).

A lei, todavia, estabelece parâmetros máximos de até 70% de comprometimento em utilidades, sendo que para alimentação o percentual é de no máximo 20% a fim de se coibir abusos ou o comprometimento da maior parte dos salários com o atendimento de tais necessidades, em detrimento das demais. O suposto arrendatário deveria pagar em dinheiro no mínimo o percentual de 30% em moeda corrente do País (art. 463, CLT).

Como a maior parte dos custos ficava a cargo do suposto meeiro, este não conseguia obter lucros suficientes sequer para a aquisição dos gêneros alimentícios básicos para manutenção de sua família. Semelhante situação repetiu-se para com os demais empregados. Essa prática agravava-se por ocasião das chuvas, quando a produção de tijolos era bastante reduzida. Então, o suposto meeiro era levado a buscar adiantamentos com o suposto arrendatário, não só para manter a si e a sua família, como também para sobrevivência das demais famílias que com ele laboravam.

Meeiros. Enquadramento como prepostos do empregador. Vínculo configurado.

Em face das especificidades que se incrustam na presente relação, deflui coerentemente a natureza jurídica da figura do meeiro.

Executaram com desenvoltura a única função que lhes foi permitido operacionalizar. Exerceram a função de meros prepostos do empregador. Em verdade, fê-los agindo como gerente ou líder de equipe. Como já dito, não detinham poder decisório. Não exerciam qualquer liberdade de, como sócio que eram, comercializar o produto ao mercado consumidor. Não detinham capacidade econômico-financeira para assumir quaisquer riscos ou ônus da produção. Logo, sócios jamais foram. Empregados eram e não sabiam.

A propósito, atente-se para o preceito contido no artigo 932 do NCC, cujo teor é o seguinte: *“São também responsáveis pela reparação civil:*

I- (...)

II (...)

III – o empregador ou comitente, por seus empregados, serviçais e prepostos, no exercício do trabalho que lhes competir, ou em razão dele.

Em razão de tudo que já foi exposto, tem-se finalmente que o contrato formulado pelas partes de parceria agrícola, na modalidade de ‘meação’, da espécie não se trata.

Restou peremptoriamente demonstrado que a relação jurídica entabulada entre as partes foi de vínculo de emprego e, como tal deve ser considerada. Insta observar o teor do artigo 9º da CLT já mencionado, verbis: *“Serão nulos de pleno direito os atos praticados com o objetivo de desvirtuar, impedir ou fraudar a aplicação dos preceitos contidos na presente Consolidação.”*

O suposto arrendatário utilizou-se de todo tipo de subterfúgio na condução da relação jurídica originariamente firmada. Aproveitou-se da simplicidade e da falta de conhecimento dos meandros societários, por parte dos suposto meeiros, os quais ingressaram tão-somente com sua força de trabalho, laborando de sol a sol, iludidos. Imaginaram que um dia pudessem quitar as dívidas pretéritas, para voltarem a ter o direito de comercializar livremente o produto. Fato é que o decorrer dos anos, revelou-lhes a incapacidade de continuar a sonhar com a liberdade e livrar-se das amarras das dívidas que sempre os atormentaram. O círculo vicioso, nos moldes engendrados, os impediram de não só umprir com as obrigações pactuadas, mas geraram-lhes elevadas dívidas pelo fornecimento de alimentos, por parte do arrendatário, nos períodos chuvosos.

A propósito da teoria do contrato-realidade, continua o prossegue o renomado professor Zangrando (pg.627 da obra citada): *“No Brasil, o direito trabalhista não possui disposição expressa determinando a prevalência da realidade sobre o acordo de vontades consubstanciado no contrato de trabalho, como ocorre com a lei mexicana. No entanto, ao determinar que o contrato de trabalho é o acordo tácito ou expresso que corresponde à relação de emprego (CLT, art. 442), e, ao anular expressamente os atos praticados com o intuito de desvirtuar, impedir ou fraudar a aplicação dos preceitos trabalhistas (CLT, art. 9º), ficou à meia distância entre a corrente contratualista e a corrente realista, não rejeitando nem uma, nem outra.*

O escólio dos Insignes Professores Pablo Stolze e Rodolfo Pamplona Filho (Novo Curso de Direito Civil, vol. 4, Saraiva, 2ª Ed., pg. 47, são elucidativos: *“Em um primeiro plano, a socialização da idéia de contrato, na sua perspectiva intrínseca, propugna por um tratamento idôneo das partes, na consideração, inclusive, de sua desigualdade real de poderes contratuais. Nesse sentido, repercute necessariamente no trato ético e leal que deve ser observado pelos contratantes, em respeito à cláusula de boa-fé objetiva. E nessa perspectiva temos que a relação contratual deverá compreender os deveres jurídicos gerais e de cunho patrimonial (da dar, fazer, ou não fazer), bem como deverão ser levados em conta os deveres anexos ou colaterais que derivam desse esforço socializante. Com isso, obrigações até então esquecidas pelo individualismo cego da concepção clássica de contrato ressurgem gloriosamente, a exemplo dos deveres de informação, confidencialidade, assistência, lealdade etc. E todo esse sistema, é, sem sombra de dúvidas, informado pelo princípio maior de prote-*

ção da dignidade da pessoa humana. Em um segundo plano, o contrato é considerado não só como um instrumento de circulação de riquezas, mas, também, de desenvolvimento social. Mais adiante, alertam os professores: “Consoante inferimos linhas acima, como cancelar como válido, por exemplo, um negócio que, posto atenda aos seus pressupostos formais de validade, **desrespeite leis ambientais ou pretenda fraudar leis trabalhistas?** (grifou-se).

Ao tratarem dos defeitos do negócio jurídico, os professores prosseguem na pg. 56: “A nítida preocupação socializante do novo Código, cuidou-se ainda de se disciplinar dois outros defeitos do negócio jurídico, intimamente conectados à idéia de solidarismo social: a lesão e o estado de perigo, e que também têm reflexo na seara contratual. De fato, ao prever essas duas espécies de vício, pretendeu-se amparar um dos contratantes da esperteza ou ganância do outro, resguardando-se, assim, o propósito maior de se impedir, a todo custo, **o abuso de direito** (sem grifos no original).

Pode-se conceituar a lesão como sendo o prejuízo resultante da desproporção existente entre as prestações de um determinado negócio jurídico, em face do abuso da inexperiência, necessidade econômica ou leviandade de um dos declarantes. Traduz, muitas vezes, o abuso do poder econômico de uma das partes, em detrimento da outra, hipossuficiente na relação jurídica.

Os mestres trazem ainda a diferenciação existente entre boa-fé subjetiva e boa-fé objetiva.

A boa-fé subjetiva (regulada apenas pelo Código de 1916) consiste em uma situação psicológica, um estado de ânimo ou de espírito do agente que realiza determinado ato ou vivência de dada situação, sem ter ciência do vício que a inquina. Citam a preleção de GISELDA HIRONAKA: “o homem de boa-fé tanto diz o que acredita, mesmo que esteja enganado, como acredita no que diz. É por isso que a boa-fé é uma fé, no duplo sentido do termo. Vale dizer, é uma crença ao mesmo tempo que é uma fidelidade. É crença fiel, e fidelidade no que se crê. É também o que se chama de sinceridade, ou veracidade, ou franqueza, é o contrário da mentira, da hipocrisia, da duplicidade, em suma, de todas as formas, privadas ou públicas, da má-fé. Mais adiante finaliza: “enquanto princípio informador da validade e eficácia contratual, a principiologia deve orientar-se pelo viés objetivo da conceito de boa-fé, pois visa garantir a estabilidade e a segurança dos negócios jurídicos, tutelando a justa expectativa do contratante que acredita e espera que a outra parte aja em conformidade com o avençado, cumprindo as obrigações assumidas. Trata-se de um parâmetro de caráter genérico, objetivo, em consonância comas tendências do direito contratual contemporâneo, e que significa bem mais que simplesmente a alegação da ausência de má-fé, ou da ausência da intenção de prejudicar, mas que significa, antes, uma verdadeira ostentação de lealdade contratual, comportamento comum ao homem médio, o padrão jurídico standard.

Em todas as fases contratuais deve estar presente o princípio vigilante do aperfeiçoamento do contrato, não apenas em seu patamar de existência, senão também em seus planos de validade e de eficácia. Quer dizer, a boa-fé deve se consagrar nas negociações que antecedem a conclusão do negócio, na sua execução, na produção continuada de seus efeitos, na sua conclusão e na sua interpretação. Deve prolongar-se até mesmo para depois de concluído o negócio contratual, se necessário.”

A respeito da **boa-fé objetiva** o NCC, no artigo 422, *in litteris*: “Os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios de probidade e boa-fé.”

Como sabido, o contrato não se esgota apenas na obrigação principal de dar, fazer ou não fazer.

Ladeando, pois, esse dever jurídico principal, a boa-fé objetiva impõe também a observância de deveres jurídicos anexos ou de proteção, não menos relevantes, a exemplo dos deveres de lealdade e confiança, assistência, confidencialidade, confiança, informação etc.

Não há falar-se ainda no postulado da força obrigatória dos contratos (*pacta sunt servanda*). Sabe-se que modernamente há de se invocar a teoria da imprevisão, quando as condições perpetradas tornaram-se excessivamente onerosas para uma das partes, promovendo tremendo desequilíbrio contratual.

Extraem-se dos elementos fáticos coligidos ao relatório, que os sócios-meeiros executaram as atividades de meros gerentes (prepostos) do sócio-arrendatário, posto que a ele subordinaram-se juridicamente.

Exsurge cristalino a força do poder diretivo, a estrutura do empreendimento, os custos da produção e os riscos do negócio suportados exclusivamente pelo suposto arrendatário, que inclusive remunerava os empregados contratados, através do repasse aos prepostos, supostos meeiros. Trabalhavam com pessoalidade e subordinação (vide termos de depoimentos onde o suposto arrendatário cobrava a aceleração da produção), jornada de segunda a sábado (e até aos domingos, eventualmente), era remunerado pelo regime de produção – 50% do número de tijolos confeccionados.

A bem da verdade, os supostos meeiros ingressaram apenas com a força do seu trabalho. Desconsidera-se a prefalada sociedade de fato que as partes pretenderam ter. Entre ambos (suposto arrendatário versus supostos meeiros) a única relação jurídica consistente foi a de emprego.

O regime justrabalhista define a figura do empregador e do empregado. Na espécie, restaram perfeitamente enquadradas ambas as figuras nos preceitos que as regulam. Se não, vejamos. Artigo 2º, verbis: *“Considera-se empregador a empresa, individual ou coletiva, que assumindo os riscos da atividade econômica, admite, assalaria e dirige a prestação pessoal de serviço.”*

Já o conceito de empregado, encontra-se no artigo subsequente: Artigo 3º: *“Considera-se empregado toda pessoa física que prestar serviços de natureza não eventual a empregador, sob a dependência deste e mediante salário.”*

O princípio da proteção incide na matéria, afastando a relação entabulada pelas partes de sociedade de fato.

Sobre o princípio da proteção, colhe-se a brilhante definição do doutrinador Ministro do TST Augusto César Leite de Carvalho (Direito do Trabalho, pg. 12), que nos ensina que o princípio da proteção *“relativiza o princípio da autonomia da vontade individual, que inspira o direito obrigacional comum e, para compensar a inferioridade econômica do empregado, estende-lhe uma rede de proteção, um rol de direitos mínimos e indisponíveis que asseguram a dignidade do trabalhador (dir-se-ia: do trabalho humano). Como afirma Couture, em remissão feita por Plá Rodriguez, “o procedimento lógico de corrigir as desigualdades é o de criar outras desigualdades”.*

Destarte, os princípios justrabóricos por serem imperativos, cogentes e de ordem pública, incidem obrigatoriamente sobre a relação jurídica *sub examine*. Inafastáveis, portanto as regras do direito laboral, por consistirem em essência em normas de direitos fundamentais da pessoa humana.

Arremate:

De todo o que foi explicitado acima se chega às seguintes conclusões:

a) Existência de sociedade de fato entre os fazendeiros e suposto arrendatário: assim, considera-se como empregador direto o Sr. [REDACTED] podendo os donos das fazendas, Srs. [REDACTED]

responderem solidariamente pelos encargos trabalhistas advindos das contratações realizadas nas olarias daquele.

b) Suposto arrendatário como verdadeiro empregador: afasta-se os supostos meeiros da figura de sócios aparentes, considerando estes e todos os demais trabalhadores por eles contratados como sendo verdadeiros empregados do Sr. [REDACTED]

VII- DAS IRREGULARIDADES ESPECÍFICAS CONSTATADAS NAS OLARIAS DO EMPREGADOR:

Conforme acima explicado, O Sr. [REDACTED] possuía 02 (duas) olarias em funcionamento. Uma delas na Fazenda dos Sr. [REDACTED] com 05 (cinco) empregados, e outra na Fazenda do Sr. [REDACTED], com 04 (quatro) trabalhadores.

Durante as inspeções, foi constatado o total descumprimento das normas trabalhistas em ambas os estabelecimentos (Olaria Buriti Alto e Olaria Lagoa Bonita). As péssimas condições de trabalho e moradia eram semelhantes nas duas olarias administradas pelo Sr. [REDACTED] razão pela qual foi elaborado somente este relatório descrevendo as irregularidades.

Nenhum dos 09 (nove) trabalhadores estava registrado nem tinha suas Carteiras de Trabalho assinadas; não recebiam e nem gozava férias; não recebiam 13º salário; não tinham assegurados o pagamento de salário mínimo mensal; em fim, não usufruíam de nenhum dos direitos que a legislação trabalhista lhes assegura.

No que concerne às normas de segurança e saúde no trabalho, a situação também era gravíssima, conforme descrição abaixo:

1) Havia 05 (cinco) moradias precaríssimas (03 na olaria Buriti Alto e 02 na Lagoa Bonita), sem as mínimas condições sanitárias, cujas principais irregularidades listamos a seguir:

a) pé direito abaixo do mínimo necessário: em algumas partes dos barracos a altura estava abaixo de 1,60 (um metro e sessenta centímetros), fazendo com que o morador tivesse que inclinar o corpo para conseguir transitar no local;

b) estrutura com risco de desabamento: devido à estrutura frágil, algumas paredes estavam rachadas e tortas, com riscos de desabamento. Para tentar amenizar tal risco os trabalhadores escoravam as paredes com pedaços de madeira;



Fotos 14 e 15 – Casas com área ameaçando desabar.



Fotos 16 e 17– Estruturas das moradias. Veja que na primeira foto, uma das paredes já teve que ser reconstruída.

c) paredes sem reboco e sem pintura: permitindo o possível acúmulo de insetos, como o barbeiro, por entre as frestas e buracos;

d) falta de ventilação adequada: barracos com pouca ou nenhuma janela, deixando o ambiente muito quente:

e) cobertura que não protege contra intempéries: madeiramento empenado, construído com madeira roliça, e as telhas antigas não proporcionavam uma adequada vedação, permitindo a entrada de água durante as chuvas e molhando o interior das moradias. Em algumas moradias foram colocadas lonas plásticas para tentar conter a água das chuvas:



Fotos 18 e 19– Parte dos telhados tinha que ser cobertos com plásticos, pois o telhado não impedia a entrada das chuvas.

f) água de potabilidade duvidosa: a água para beber era proveniente de poços abertos, sem vedação adequada, próximos a esgotos e com água meio turva; havia insetos e outros animais dentro das cisternas onde era coletada a água para consumo geral. Tanto na olaria da Fazenda Buriti Alto quanto na da Fazenda Lagoa Bonita, as cisternas estavam fechadas de forma inadequada:



Fotos 20 e 21– Cisternas abertas, possibilitando a entrada de animais; riscos de acidentes com crianças.

g) ausência de instalações sanitárias: à exceção de uma das casas que possuía vaso sanitário (Fazenda Lagoa Bonita), em todos os demais barracos as necessidades fisiológicas tinham que ser feitas em latrinas fétidas (o odor era tão forte que era praticamente insuportável adentrar na mesma), sem nenhuma higiene e com riscos de acidentes por animais peçonhentos. Além disso, a porta era constituída de um pedaço de plástico que não garantia a privacidade dos usuários;



Fotos 20 e 21– Privada usada como instalação sanitária: riscos de picadas por animais peçonhentos, falta de higiene e privacidade.



Foto 22 – Vaso sem água num barraco.



Foto 23 – único local que havia vaso sanitário com água.

h) falta de chuveiros: com exceção de uma das casas que possuía chuveiro quente (Fazenda Lagoa Bonita), em todas as demais o banho era tomado com uma balde de água fria, usando um caneco para jogar água no corpo. Os locais usados para tomar banho não possuíam asseio e nem higiene.

Além disso, um deles não era coberto e todos não possuíam portas, sendo fechados com pedaços de cobertor velho ou com lonas plásticas;



Fotos 24 a 27 – Locais usados para tomar banho: falta de cobertura, falta de portas, falta de chuveiros, falta asseio e higiene.

i) instalações elétricas inadequadas: a fiação ficava exposta, não havendo eletrodutos; as redes eram inadequadas, certamente instaladas por pessoas leigas no assunto.

j) falta de canalização das águas servidas: a água usada no banho, na lavagem de utensílios, roupas e demais objetos, era liberada a céu aberto, formando pequenos canais ou poças de lama preta e fétida:



Fotos 28 e 29 – A água usada nos barracos corria a céu aberto.

k) localizadas muito próximas aos locais de trabalho da olaria: a maioria dos barracos usados como moradia ficava próximo aos locais de trabalho.

l) ausência de fossas sépticas;

m) falta de portas que impeçam o devassamento: várias portas quebradas, sendo usados plásticos e cobertores velhos como portas;

n) piso irregular: os pisos das moradias eram constituídos de apenas tijolos assentados. Com tempo, esses tijolos iam se deteriorando e o piso ficava no chão batido. Como a água das chuvas adentrava nos barracos, era comum a formação de poças de lama no interior dos mesmos;

o) ausência de lavadeiras e pias: em todos os barracos usados como moradias, os locais usados como lavanderias eram improvisados de forma bastante precária. Usavam-se jiraus e pedaços de tambores e tanques quebrados para lavar utensílios domésticos, roupas e demais objetos de uso pessoal;



Fotos 30 e 31 - Locais improvisados para lavar roupas e utensílios de cozinha

- 2) Não fornecimento de EPIs (Equipamentos de Proteção Individual): nenhum tipo de equipamento de proteção era fornecido, apesar dos diversos fatores de riscos existentes no meio ambiente de trabalho tais como: poeira de sílica, lamaçais, calor da queima dos fornos, máquinas sem proteção, exposição à insolação, aberturas no piso etc. Alguns trabalhadores laboravam descalços (ou de chinelos) usando apenas bermuda e camisa. O não fornecimento de EPIs foi confirmado até mesmo pelo empregador, em depoimento prestado ao Ministério Público do Trabalho:

*“QUE nenhum dos trabalhadores possuem CTPS anotada; QUE as casas não possuem vasos sanitários e tampouco chuveiros; **QUE nunca forneceu EPI's aos trabalhadores**; QUE não tem licença ambiental; QUE compra a lenha de diversos caminhoneiros; QUE a madeira não possui documento de origem florestal; QUE nunca levou técnico em segurança para fazer avaliação dos riscos do trabalho; QUE nunca submeteu os trabalhadores a exames médicos”.*(grifei)

- 3) Falta de fornecimento de vestimentas de trabalho: todas as atividades da olaria produzem muita sujeira e gera um desgaste anormal das roupas de uso pessoal. Como os trabalhadores não querem ou não podem usar suas roupas pessoais, trabalham com algumas partes do corpo expostas, sujeitando-se a riscos de ferimentos na pele;

- 4) Instalações elétricas com riscos de choque: por toda área da olaria havia fiação elétrica exposta; disjuntores, tomadas e interruptores instalados de forma irregular, expostos a intempéries; redes mal instaladas, com fiação inapropriada; falta de proteção da fiação/componentes elétricos;



Fotos 32 e 33 – Redes e componentes elétricos instalados de forma inadequada, com partes vivas expostas.

- 5) Falta de ações preventivas de saúde: os trabalhadores não eram submetidos a exames médicos ocupacionais, incluindo os exames complementares; não eram encaminhados para órgãos de saúde para aplicação de vacinas e prevenção de doenças; nos locais de trabalho não havia materiais de primeiros socorros;
- 6) Falta de levantamento dos riscos e de adoção de medidas preventivas: o trabalho nas olarias é realizado de forma totalmente rudimentar e artesanal, com procedimentos penosos e com potencial de dano à saúde do trabalhador. Excessos de peso, carregamento manual de argila, contado da pele com o produto que contém toxinas (conhecida como “pó-de-mico”, matéria orgânica em decomposição), exposição ao sol e ao calor dos fornos, exposição à material particulado contendo sílica e posturas inadequadas que causam torção da coluna vertebral são alguns dos problemas enfrentados pelos trabalhadores oleiros no dia-a-dia. No entanto, nenhuma medida preventiva era adotada, no sentido de eliminar e/ou reduzir tais fatores de riscos. Em pesquisa com trabalhadores das olarias da região, foi constatado um alto índice de pessoas com problemas na coluna vertebral, certamente causado pela má postura laboral (movimentos de agacha-levanta, realizados milhares de vezes durante as atividades de fabricação de tijolos), dores nas costas e casos de dores nos pulmões.

VII.A- Da Coação Moral:

Em todas as olarias, a remuneração praticada era em regime de produtividade. Porém, não havia nenhuma garantia de pagamento de salário mínimo. Todo oleiro só recebia pagamento se houvesse produção.

E a produção daquelas olarias era totalmente dependente das condições climáticas. No período chuvoso a produção era reduzida drasticamente. Com isso, os trabalhadores não conseguiam produzir sequer para adquirir os gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Então, o suposto meeiro, que também era responsável pelos demais empregados, tinha que fazer adiantamentos com o dono da olaria para aquisição de alimentos. Não só para manter sua família, como também as famílias dos demais empregados, já que agia como se empregador fosse, se sentido moralmente responsável por todos.

Em decorrência desses adiantamentos, alguns trabalhadores se endividavam, chegando valores altíssimos, praticamente impagáveis com a remuneração que percebiam.

Vejamos um trecho do depoimento do Sr. [REDACTED] prestado para o Ministério Público do Trabalho:

“QUE somente trabalha devendo, porque na época das chuvas, ou seja, nos últimos 04 meses, o Sr. [REDACTED] quem acerta as contas de supermercado do depoente; QUE, atualmente, como o Sr. [REDACTED] tem supermercado as compras de alimentos são feitas somente no estabelecimento de propriedade do referido senhor; QUE, antes disso, o Sr. [REDACTED] fazia as compras de alimentos em seu nome; QUE o Sr. [REDACTED] sempre apresentou as notas fiscais dos alimentos comprados; QUE o depoente sempre conferia os valores; QUE, atualmente, deve ao Sr. [REDACTED] de R\$ 8.000,00 a R\$ 9.000,00; QUE quando produz tijolos, o Sr. [REDACTED] paga ao depoente a diferença entre a produção e a dívida; QUE a casa em que mora já estava construída quando chegou no local; QUE quando chove com vento, entra muita água dentro porque tem goteiras e frestas entre a parede e o telhado; QUE na sua casa tem chuveiro e assento sanitário; QUE também moram na mesma olaria, mas em outra casa, sua filha e seu genro; QUE a casa em que sua filha e seu genro moram não tem banheiro e tampouco chuveiro; QUE seu genro e sua filha tomam banho de balde e também utilizam o banheiro do depoente; QUE somente tem banheiro em sua casa porque sua sogra colocou; QUE trabalha na olaria o depoente, sua esposa, sua filha de 26 anos [REDACTED] e seu genro de 29 anos [REDACTED]; QUE seu filho de 23 anos trabalha em outra olaria da região, cujo arrendatário se chama [REDACTED]; QUE remunera sua filha e seu genro por produção; QUE paga R\$ 16,00 o milho do tijolo cortado; QUE o pagamento para o genro ocorre quando vende os tijolos; QUE quando não está produzindo não paga nada ao seu genro e sua filha; QUE o depoente trabalha na olaria, em média, 10 horas diárias; QUE seu genro trabalha pelo mesmo período; QUE não trabalham nos domingos; QUE não existe menor de idade trabalhando; QUE nunca contratou outras pessoas para ajudá-lo; QUE quando está na época da seca ganha cerca de R\$ 700,00; QUE quando o depoente teve um carro quebrado e não pode trabalhar um dia, o Sr. [REDACTED] ficou bravo e reclamou para o depoente; QUE o Sr. [REDACTED] sempre pede ao depoente para acelerar a produção para que ele possa vender os tijolos; QUE não o Sr. [REDACTED] pede que o depoente trabalhe direto quando tem dia de sol; QUE quando o depoente não trabalha, o Sr. Marcelo Adriano reclama com o depoente e também para outras pessoas; QUE não sabe dizer os nomes das outras pessoas; QUE quando o Sr. [REDACTED] vai até o supermercado do Sr. [REDACTED] em dia de sol, o Sr. [REDACTED] diz ao genro do depoente que o dia está ensolarado é que era para estar trabalhando; QUE tem que trabalhar doente porque se parar não recebe nada; QUE quer sair da olaria, mas que como está devendo para o Sr. [REDACTED] não pode deixar local; QUE o Sr. [REDACTED] nunca ameaçou o depoente; QUE o depoente é que não quer deixar o local sem pagar as dívidas. (Grifos nosso)

Agora vejamos outros depoimentos prestados pelos trabalhadores:

Trabalhador [REDACTED], oleiro:

“Que deve R\$ 2.400,00, sendo R\$ 1.000,0 de comida e R\$ 1.400,00 pediu emprestado para ir para o norte”

Trabalhador [REDACTED]

“Que Recebe de abril a outubro, de R\$ 600 a 1.000,00 dependendo da produção, em média uma caieira 80.000 tijolos em média, por mês e nas águas, de novembro a março (uma caieira por todo o período), chega no máximo a R\$ 300,00. Pagamento somente quando queimam a caieira. Às vezes recebem cheque como pagamento e trocam no supermercado ‘para todos’, de propriedade do Arrendatário; Que acha que está devendo em torno de R\$ 1.000,00, por causa dos mantimentos adquiridos no supermercado do patrão”.

Em nenhum dos casos foi constatado hipótese de coação física. No entanto, ficou claramente provado que o trabalhador se sentia preso à dívida contraída com seu empregador no período chuvoso, fato que ficou bem evidenciado no depoimento do Sr. [REDACTED] acima transcrito.

Além da coação moral e psicológica que mantinham aqueles trabalhadores endividados presos ao dono da olaria, havia também o temor de sofrer represálias por parte do patrão, conforme explicado acima. Isso porque eram notórios os casos de retenção de mobília e objetos pessoais para garantia do pagamento das dívidas.

VIII - AÇÕES ADMINISTRATIVAS EXECUTADAS:

a) Da Interdição das Atividades e das Moradias:

Diante da total falta de observância das normas de segurança e saúde no trabalho, bem como pelas péssimas condições de habitabilidade de todas as moradias, foi determinada a paralisação das atividades de fabricação de tijolos, bem como a interdição de todas as moradias da referida olaria. O levantamento está condicionado ao cumprimento das obrigações mínimas elencadas no respectivo Termo de Interdição (Vide cópia em anexo).

b) Das Rescisões dos Contratos de Trabalho:

Tendo em vista o total descumprimento de preceitos mínimos de dignidade da pessoa humana, concluímos que não poderíamos permitir que os trabalhadores oleiros lá permanecessem em razão da degradância a que estavam sendo submetidos. Por isso, amparados em vários dispositivos constitucionais, dentre eles o da dignidade da pessoa humana, informamos ao empregador a necessidade da retirada de seus empregados daquela condição (conforme preceitua ar. 2º-C² da Lei 7998/90 c/c art. 21, § 3º da Instrução Normativa nº 76/2009 do MTE³).

Com efeito, foram propostas ao empregador, pelos Auditores-Fiscais do Trabalho e pelos Procuradores do Trabalho, as seguintes obrigações: a formalização dos vínculos empregatícios, com o registro retroativo dos contratos de trabalho; assinatura das CPTS, com os devidos recolhimentos dos encargos trabalhistas; a rescisão dos contratos de labor com a conseqüente quitação das verbas rescisórias dos trabalhadores oleiros encontrados em condições degradantes de moradia e trabalho.

c) Do pagamento das Verbas Rescisórias:

O Sr. [REDACTED], apesar de inicialmente ter se recusado, voltou atrás, tomando todas as providências para efetuar as rescisões dos 09 (nove) trabalhadores. As verbas rescisórias foram pagas em espécie diretamente aos trabalhadores, através de comprovantes provisórios, sendo que os Termos de Rescisões de Contrato de Trabalho – TRCTs- ficaram para ser apresentados posteriormente à auditoria fiscal do trabalho, juntamente com os demais documentos sujeitos à inspeção trabalhista. Tais obrigações ficaram inseridas também em cláusula do Termo de Ajuste de Conduta firmado como o Ministério Público do Trabalho.

² "Art. 2º-C O trabalhador que vier a ser identificado como submetido a regime de trabalho forçado ou reduzido a condição análoga à de escravo, em decorrência de ação de fiscalização do Ministério do Trabalho e Emprego, será dessa situação resgatado e terá direito à percepção de três parcelas de seguro-desemprego no valor de um salário mínimo cada, conforme o disposto no § 2º deste artigo. (Artigo incluído pela Lei nº 10.608, de 20.12.2002)"

³ "§3º O coordenador do grupo/equipe especial notificará o empregador para que providencie a imediata paralisação das atividades; a regularização dos contratos; a anotação nas Carteiras de Trabalho e Previdência Social (CTPS); as rescisões contratuais; o pagamento dos créditos trabalhistas; o recolhimento do FGTS; bem como para que tome as providências para o retorno dos trabalhadores aos locais de origem".



Foto 31– pagamento das verbas rescisórias, realizado no centro comunitário Onício Rezende, em Gouvelândia-GO (obs- no centro, de verde, o empregador [redacted]).

d) Da emissão das Guias de Seguro Desemprego de Trabalhador Resgatado:

Houve a emissão do formulário para o fim da percepção do benefício “seguro-desemprego”, consoante legislação que regula a matéria: Art. 2 – C da Lei 7.998/90, com redação dada pela Lei 10.608/02.

Ao todo, foram emitidas 09 (nove) requerimentos de seguro desemprego para os trabalhadores resgatados, os quais estavam laborando e residente em situação de total degradância (cópias em anexo).

e) Dos autos de infração lavrados:

Ao todo foram lavrados 08 (oito) autos de infração abaixo relacionados (cópias anexas):

RELAÇÃO DE AUTOS DE INFRAÇÃO LAVRADOS

ID	Nº do AI	Ementa	Capitulação	Infração
1	019219971	0000108	art. 41, caput, da Consolidação das Leis do Trabalho.	Admitir ou manter empregado sem o respectivo registro em livro, ficha ou sistema eletrônico competente.
2	019219547	2060248	art. 166 da CLT, c/c item 6.3 da NR-6, com redação da Portaria nº 25/2001.	Deixar de fornecer aos empregados, gratuitamente, equipamento de proteção individual adequado ao risco, em perfeito estado de

				conservação e funcionamento.
3	019219997	1070592	art. 157, inciso I, da CLT, c/c item 7.3.1, alínea "a", da NR-7, com redação da Portaria nº 24/1994.	Deixar de garantir a elaboração e efetiva implementação do Programa de Controle Médico de Saúde Ocupacional.
4	019220006	1090429	art. 157, inciso I, da CLT, c/c item 9.1.1 da NR-9, com redação da Portaria nº 25/1994.	Deixar de elaborar e/ou de implementar o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais.
5	019219512	1210360	art. 157, inciso I, da CLT, c/c item 21.6 da NR-21, com redação da Portaria nº 3.214/1978.	Fornecer moradia com condições sanitárias inadequadas ao empregado e sua família.
6	019219989	1070088	art. 168, inciso I, da CLT, c/c item 7.4.1, alínea "a", da NR-7, com redação da Portaria nº 24/1994.	Deixar de submeter o trabalhador a exame médico admissional.
7	019219539	2100428	art. 157, inciso I, da CLT, c/c item 10.4.1 da NR-10, com redação da Portaria nº 598/2004.	Construir e/ou montar e/ou operar e/ou reformar e/ou ampliar e/ou reparar e/ou inspecionar instalações elétricas de forma que não garanta a segurança e a saúde dos trabalhadores e dos usuários ou deixar de providenciar a supervisão das instalações elétricas por profissional autorizado.
8	019219521	1242423	art. 157, inciso I, da CLT, c/c item 24.7.1 da NR-24, com redação da Portaria nº 3.214/1978.	Deixar de fornecer água potável em todos os locais de trabalho ou fornecer água potável em condições não higiênicas ou permitir o uso de recipientes coletivos para o consumo de água ou deixar de disponibilizar bebedouros de jato inclinado e guarda protetora ou manter dispositivo de fornecimento de água potável em pias ou lavatórios ou fornecer bebedouros em proporção inferior a uma unidade para cada 50 empregados.

IX - RELAÇÃO DOS EMPREGADOS PREJUDICADOS (RESGATADOS):

a) Olaria Lagoa Buriti Alto (Faz. do Sr. [REDACTED])

	Nome	Admissão	Função
1	[REDACTED]	22-fev-11	Oleiro
2	[REDACTED]	29-jan-11	Oleiro
3	[REDACTED]	22-jan-11	Oleiro
4	[REDACTED]	18-mar-10	Oleiro
5	[REDACTED]	01-jun-10	Oleiro

b) Olaria Lagoa Bonita (Faz. do Sr. [REDACTED])

	Nome	Admissão	Função
6	[REDACTED]	20-jan-07	Oleiro
7	[REDACTED]	15-out-09	Oleiro
8	[REDACTED]	20-jan-07	Oleiro
9	[REDACTED]	10-set-09	Oleiro

X – DA DURAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE DEGRADÂNCIA:

Conforme informações obtidas pela fiscalização, as olarias estão instaladas há várias décadas às margens das Lagoas de Buriti Alto, do Caracol e Lagoa Bonita. Foram constatados casos de trabalhadores, com mais de 30 anos de idade, que relataram ter nascido ali, naquelas olarias.

Especificamente em relação aos trabalhadores resgatados, os mais antigos trabalhavam para o Sr. [REDACTED] há mais de 04 (quatro) anos, desde janeiro de 2007 (vide depoimentos em anexo).

XI – DA CARACTERIZAÇÃO DO TRABALHO ANÁLOGO À CONDIÇÃO DE ESCRAVO:

Na medida em que a doutrina trabalhista avança no sentido de categorizar novas práticas de lesão ao ser humano há, por consequência lógica, a sensibilização do Poder Legislativo que é levado a dar uma resposta protetiva à sociedade. Por vezes o legislador opta por sancionar o fato diretamente pelo ordenamento penal, diante de sua gravidade. Neste ponto, o direito penal passa a ter a definição legal da questão laboral enquanto o próprio ordenamento trabalhista, em seu sentido estrito, não o tem.

É o caso, por exemplo, do assédio sexual tipificado no art. 216-A do CP. Na hipótese o legislador conceituou o assédio sexual por chantagem, apesar da doutrina e jurisprudência laboral conhecerem, também, o assédio sexual por intimidação (que é realizado não pelo superior, mas pelos próprios colegas). Ou seja, o jurista laboral não está adstrito ao conceito de assédio sexual informado pelo Código Penal. Sendo espécie de discriminação no ambiente de trabalho, havendo lesão à personalidade do trabalhador, haverá dano e, portanto, direito à reparação.

De toda forma, quando o operador do direito trabalhista encontra fato que pode ser enquadrado como assédio sexual por chantagem utiliza, em aplicação analógica, o dispositivo penal. Neste caso, ao contrário do direito penal que alcança apenas o sujeito ativo, a responsabilidade civil alcança tanto o autor da conduta assediante como a empresa que permitiu o vilipêndio ao meio ambiente de trabalho.

Nestes termos, também o tipo penal de redução à condição análoga à de escravo tem relevância para a Auditoria-Fiscal do Trabalho a partir do momento em que serve como conceito análogo da sua caracterização no âmbito administrativo-trabalhista, o que leva à rescisão indireta imediata do contrato de trabalho e determina a concessão do seguro-desemprego para os trabalhadores resgatados, nos termos do art. 2º-C da Lei n. 7998/90:

Art. 2o-C O trabalhador que vier a ser **identificado como submetido a regime de trabalho forçado ou reduzido a condição análoga à de escravo**, em decorrência de ação de fiscaliza-

ção do Ministério do Trabalho e Emprego, **será dessa situação resgatado** e terá direito à percepção de três parcelas de seguro-desemprego no valor de um salário mínimo cada, conforme o disposto no § 2o deste artigo.(Artigo incluído pela Lei nº 10.608, de 20.12.2002)

§ 1o O trabalhador resgatado nos termos do caput deste artigo será encaminhado, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, para qualificação profissional e recolocação no mercado de trabalho, por meio do Sistema Nacional de Emprego - SINE, na forma estabelecida pelo Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador - CODEFAT. (Parágrafo incluído pela Lei nº 10.608, de 20.12.2002)

§ 2o Caberá ao CODEFAT, por proposta do Ministro de Estado do Trabalho e Emprego, estabelecer os procedimentos necessários ao recebimento do benefício previsto no caput deste artigo, observados os respectivos limites de comprometimento dos recursos do FAT, ficando vedado ao mesmo trabalhador o recebimento do benefício, em circunstâncias similares, nos doze meses seguintes à percepção da última parcela.(Parágrafo incluído pela Lei nº 10.608, de 20.12.2002)

Assim, a fiscalização laboral verificando a situação do trabalhador em condição análoga à de escravo – o que prescinde do exame do sujeito ativo do crime (e do próprio crime), pois o poder de polícia administrativa, neste caso, alcança apenas a empresa – tem o dever legal de determinar a rescisão indireta para a conseqüente emissão das guias de seguro-desemprego aos resgatados.

Observa-se que não há conceituação do que seja trabalho escravo na Lei 7998/90. Também não há previsão na lei de que para que haja liberação do seguro-desemprego há de ter havido um crime. O que a lei exige é que trabalhadores estejam submetidos à condição análoga de escravo e sejam resgatados pela Inspeção Laboral, ou seja, tem-se uma noção administrativa do trabalho escravo.

1. Conceito de Trabalho Escravo à luz da Organização Internacional do Trabalho:

A OIT - Organização Internacional do Trabalho assim conceitua o trabalho escravo moderno:

Convenção n. 29. Art. 2º. 1. Para fins desta Convenção, a expressão "trabalho forçado ou obrigatório" compreenderá todo trabalho ou serviço exigido de uma pessoa sob a ameaça de sanção e para o qual não se tenha oferecido espontaneamente.

Desta forma, a OIT compreende trabalho escravo contemporâneo como sinônimo de trabalho forçado. Ou seja, só há trabalho escravo, na visão da OIT, quando há prestação de serviço involuntária, com clara ofensa à liberdade.

2. Conceito de Trabalho Escravo no Ordenamento Jurídico Nacional:

O combate ao trabalho escravo no Brasil, referência mundial, levou primeiro o doutrinador e o jurista laboral, e depois o legislador brasileiro a uma postura ampliativa do conceito de trabalho escravo para alcançar situações que não exigem, em todas as suas formas, a restrição da liberdade de locomoção. Tal formulação visa dar maior efetividade ao combate às condições degradantes às quais os trabalhadores são submetidos. Esse avanço no conceito de trabalho análogo à condição de escravo foi trazido pela Lei 10.803/2003 que deu nova redação ao art. 149 do Código Penal Brasileiro.

Reforça-se que, ainda que se não houvesse a alteração da Lei, sua interpretação evolutiva já era sentida pela doutrina laboral. De fato, a restrição da caracterização de trabalho escravo à usurpa-

ção da liberdade (por vezes dissimulada) atentava contra o seu combate. Por isto, o intérprete já buscava a adequação do instituto à realidade nacional, sendo que a própria OIT é sensível ao caso:

“É conveniente recordar que, ainda na redação original, já se entendia que ‘o crime, entretanto, existe, mesmo sem restrição espacial. A sujeição absoluta de um homem a outro realiza-se ainda que àquele seja consentida certa atividade, alguma liberdade de movimento (a supressão total desta não se compreenderia), necessárias, aliás, freqüentemente, para que o ofendido sirva ao seu senhor. Não é preciso também a inflição de maus-tratos ou sofrimentos ao sujeito passivo’.

Raquel Dodge aduz que ‘escravizar é grave, porque não se limita a constranger nem a coagir a pessoa limitando sua liberdade. Também isto. Escravizar é tornar o ser humano uma coisa, é retirar-lhe a humanidade, a condição de igual e a dignidade. Não só a liberdade de locomoção é atingida e, às vezes, a possibilidade de locomoção resta intacta. Guiar-se por esse sinal pode ser enganador. A redução à condição análoga à de escravo atinge a liberdade do ser humano em sua aceção mais essencial e também mais abrangente: a de poder ser. A essência da liberdade é o livre arbítrio, é poder definir seu destino, tomar decisões, fazer escolhas, optar, negar, recusar. Usar todas as suas faculdades. O escravo perde o domínio sobre si, porque há outro que decide por ele. A negativa de salário e a desnutrição calculadas, no contexto de supressão da liberdade de escolha são sinais desta atitude. Assim como a supressão de órgão humano e a submissão de mulheres para fins de tráfico”.

(CAZETTA, Ubiratan. Possibilidades Jurídicas de Combate à Escravidão Contemporânea. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2007. P. 85) (Grifei).

“Não obstante, à medida que a OIT amplia sua pesquisa, análise e suas campanhas de conscientização sobre questões de trabalho forçado nas diferentes partes do mundo, mais fatos básicos tem de enfrentar. Há um extenso espectro de condições e práticas de trabalho, que vão da extrema exploração, inclusive de trabalho forçado numa ponta, a trabalho decente e plena observância das normas do trabalho, na outra. Na parte do espectro em que se pode encontrar condições de trabalho forçado, pode ser muito difícil traçar uma linha divisória entre trabalho forçado, no sentido estrito da expressão, e condições extremamente precárias de trabalho. Mesmo na área legalmente definida como trabalho forçado, há múltiplas maneiras de empregadores poderem privar seus trabalhadores do pleno gozo de seus direitos humanos e trabalhistas, principalmente da percepção de salários mínimos ou de mercado, mediante a aplicação de uma gama de mecanismos de coação ou engano”.

(Uma Aliança Global Contra o Trabalho Forçado – Relatório Global do Seguimento da Declaração da OIT sobre Princípios e Direitos Fundamentais no Trabalho. Brasília: OIT, 2005).

Em primeiro plano, cabe verificar o art. 2º-C da Lei n. 7998/90. Este dispositivo bem coloca a amplitude do conceito de trabalho escravo no Brasil ao expor expressamente que o resgate de trabalhadores é cabível quando houver trabalho forçado (leia-se restrição de liberdade) ou condição análoga à de escravo. A *mens legis*, a intenção da lei, é deixar bem claro que o Brasil adota outras hipóteses, além da mencionada pela OIT, para caracterizar o trabalho escravo contemporâneo.

Enquanto norma que determina um procedimento administrativo tem, assim, claro cunho de direito administrativo e, portanto, encerra tipo administrativo. Este tipo é menos restrito que o tipo administrativo sancionador, já que não multa, e ainda menos restrito que o tipo penal, que impõe pena de restrição de liberdade. Assim, o hermenêuta trabalhista busca no Código Penal o tipo da Condição Análoga à de Escravo para aplicar por analogia no âmbito trabalhista-administrativo. E assim dispõe o art. 149 do CP:

Redução a condição análoga à de escravo

“Art. 149. Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:”

Muito embora o crime do art. 149 do CP esteja incluído no capítulo dos crimes contra a liberdade o fato é que seu texto não exige restrição de liberdade em todos os tipos. Os tipos de jornada exaustiva e condições degradantes de trabalho em nada atentam contra a liberdade de locomoção.

Atentam contra a liberdade em seu sentido lato, conforme examinado por CAZETTA na citação supra. Ou seja, o trabalhador fortemente dependente do empregador, em razão do desemprego estrutural, se vê obrigado a sujeitar-se ao meio ambiente de trabalho degradante. Não tem opção. É trabalhar nos moldes estabelecidos pela empresa ou sucumbir à fome. Não há liberdade de escolha de emprego, quiçá de condições de trabalho.

VITO PALO NETO⁴, muito embora adote concepção restritiva sobre o trabalho escravo, bem coloca a situação dos trabalhadores brasileiros que são escravizados por consequência de sua condição social:

“Aristóteles, por exemplo, tentou demonstrar que a antítese senhor-escravos era um dado da natureza, ou seja, da mesma maneira que alguns eram senhores por natureza, outros haviam nascido para ser escravos. Acreditava-se que ‘o escravo natural’ não podia ser feliz com a liberdade, visto que não tinha ‘faculdade deliberativa’”.

(...)

“Ao nos depararmos com certas situações de trabalhos forçados ou de trabalho em condições de escravidão encontradas nos dias de hoje, podemos restabelecer a idéia do ‘escravo natural’ como clara demonstração de retrocesso da civilização”.

(...)

“A falta de instrução e baixa qualificação desses trabalhadores, além de seu estado de miseria- bilidade, acabam por condená-los a uma condição de ‘escravo em potencial’, que seria algo semelhante ao ‘escravo natural’, com as devidas proporções”.

Em conclusão, o tipo penal aplicado analogicamente deve ser interpretado pelo prisma da tipicidade administrativa-trabalhista. No ramo trabalhista, a doutrina e jurisprudência majoritária se- guem pela caracterização do trabalho escravo ainda que não haja restrição da liberdade de locomo- ção:

“Destarte, com o advento da Lei n. 10.803/03, tornou-se possível punir não somente a sub- missão do trabalhador a maus tratos, labor forçado, sem remuneração e/ou com a restrição da liberdade de locomoção (seja por dívidas, retenção de documentos, não fornecimento de transporte ou ameaças), mas também a submissão da vítima a condições degradantes de tra- balho. Frequentemente a fiscalização encontra trabalhadores alojados em condições desuma- nas, sem acesso ao mínimo, como água potável, alimentação adequada e medicamento, e constatada essa realidade, como já analisamos em tópico acima, estaremos diante, claramente, da conduta tipificada no art. 149 do Diploma Penal, independentemente do uso de força bruta ou ameaças”. (MELO, Luís Antônio Camargo de. Possibilidades Jurídicas de Combate à Es- cravidão Contemporânea. Brasília: Organização Internacional do Trabalho, 2007. P. 85)

“É que ainda se espera, no caso desse ilícito penal, a materialização da ‘escravidão’ a partir de uma imagem clássica, com a pessoa acorrentada e sob constante ameaça de maus-tratos e outras formas de violência. Reforçando a idéia, o que se espera é a violação a um princípio

⁴ PALO NETO, Vito. Conceito jurídico e combate ao trabalho escravo contemporâneo. São Paulo: LTr, 2008, p. 63 e ss.

básico, que é a liberdade. Isso, além da negação do próprio dispositivo legal indicado (artigo 149, do CPB), que é claro a respeito, representa visão conceitual restritiva e que não mais deve prevalecer. Na verdade, o trabalho em condições análogas à de escravo é reconhecido, hoje em dia, a partir do momento em que há o desrespeito ao atributo maior do ser humano que é a sua dignidade, e que ocorre, do ponto de vista do trabalho humano, quando é negado ao trabalhador um conjunto mínimo de direitos que a Organização Internacional do Trabalho convencionou denominar *trabalho decente*, e que são os Direitos Humanos específicos dos trabalhadores”. (BRITO FILHO, José Claudio Monteiro de. Trabalho com redução à condição análoga à de escravo: análise a partir do trabalho decente e de seu fundamento, a dignidade da pessoa humana. Artigo publicado no livro: Trabalho Escravo Contemporâneo. São Paulo: LTr, 2006)

“Ora, a efetivação desses direitos não pode se perder em discussão meramente acadêmica ou retórica; deve levar em conta as enormes dificuldades para o alcance da proteção desse conjunto de garantias mínimas, que conferem dignidade à pessoa. Por certo esse sistema guarda relação com o estágio de desenvolvimento de determinada sociedade, razão pela qual, para muitos - especialmente nos países periféricos -, os direitos sociais, que exigem uma atuação positiva do Estado, não passam de mera declaração. Avulta, nesse processo, a importância da justiça como instrumento de cidadania, de liberdade e de realização efetiva de direitos. É dentro desse contexto que está inserida a questão subjacente à posta em lide. Indiscutível a necessidade de fiscalização e de repressão, por parte do Estado - sem excluir as instituições, e especialmente a sociedade civil -, de toda a forma de indevida exploração do homem pelo homem, seja em trabalho degradante, seja em condições humilhantes ou análogas à de escravo. A repulsa há de ser veemente e deve partir da sociedade, sem desprezar o dever indeclinável do poder público de viabilizar medidas eficazes para coibir essa prática nefasta. Feitas essas considerações e voltando ao caso concreto, registro que o procedimento que culminou na inclusão do nome do autor no cadastro criado pela Portaria nº 540/2004, do MTE, não fratura, por si só, as garantias do art. 5º, incisos II e LV, da CF, como a seguir explicitado. Sob o ângulo do primeiro preceito, noto que desde o final do século XIX há, no país, norma a inibir o trabalho escravo - a denominada Lei Áurea. A circunstância da abolição deste regime de labor foi, ao longo da nossa história republicana, reafirmada com maior ênfase; logo, não diviso a necessidade de nova lei, no sentido formal, para que o estado brasileiro adote medidas necessárias para coibir a hedionda prática, ainda que ela venha experimentando refinamentos capazes de obscurecer a sua existência”. (Processo n. 00856-2006-006-10-00-2 RO. Juiz Relator JOÃO AMÍLCAR. TRT 10ª Região. Acórdão da 2ª Turma. Publicado em: 16/11/2007) (Grifei).

“Essa situação degradante de trabalho é modernamente concebida como ‘trabalho em condições análogas à de escravo’, em violação à organização do trabalho, e configura-se infração penal descrita nos tipos legais dos arts. 149, 131, parágrafo único, 203 e 207 do Código Penal. Para a sua caracterização não é necessário o cerceio da liberdade de locomoção do trabalhador, mediante o aprisionamento deste no local de trabalho. Basta a configuração da falta de condução, da dependência econômica, da carência de alimentação e de instalações hidro-sanitárias adequadas, do aliciamento de mão-de-obra, dentre outros”. (Processo n. 00245-2004-811-10-00-3 RO. Juíza Relator HELOISA PINTO MARQUES. TRT 10ª Região. Acórdão da 2ª Turma. Publicado em: 18/03/2005).

3. Espécies de Trabalho Escravo. Figuras Típicas:

As formas de submissão de trabalhador à condição análoga à de escravo estão presentes própria conceituação dessa figura delitiva prevista no art. 149 do Código Penal Brasileiro, com redação dada pela Lei 10.803/2003.

Na redação anterior a fundação basilar do tipo residia na infringência do *status libertatis* com a sujeição completa do sujeito passivo. Já com a reforma da regra, o pressuposto passa também a firmar-se no *status dignitatis*. Esta fusão anuncia então uma mudança paradigmática: o tipo penal não está somente a proteger o 'trabalho livre', mas também o 'trabalho digno'.

Então, hodiernamente, temos quatro principais formas típicas de sujeição de trabalhador à condição análoga à de escravo, quais sejam:

1. submetendo-o a trabalhos forçados;
2. submetendo-o a jornada exaustiva;
3. sujeitando-o a condições degradantes de trabalho;
4. restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto.

3.1. Condições Degradantes.

"Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante" (art. 5º, III, CF/88).

Vamos aqui nos ater somente à questão do trabalho degradante, por tratar-se do principal elemento caracterizador da situação em epígrafe.

3.2. Conceito de Condição Degradante.

Degradante é a condição de labor que atenta contra a dignidade do trabalhador a ponto de coisificá-lo. Este conceito passa por duas noções: o que confere dignidade ao trabalhador e o que seria o ser humano coisificado.

A concepção do que confere dignidade passa pelo exame dos direitos humanos relativos ao trabalho. O desrespeito ao chamado "patamar civilizatório mínimo"⁵, ou seja, o conjunto de direitos operários de indisponibilidade absoluta (previstos na Constituição, convenções internacionais e normas relativas à Segurança e Saúde do Trabalho na legislação infraconstitucional) viola a dignidade do laborista.

Assim, há um núcleo básico dos direitos trabalhistas que se desrespeitados passam da simples violação de regra para grave atentado à dignidade do trabalhador. São condições de trabalho básicas que não permitem, sequer, a transação em negociação coletiva.

Estas condições podem ser classificadas conforme leitura do art. 7º da Constituição. Este artigo elevou uma série de direitos humanos do trabalhador ao patamar de direitos fundamentais desta República. Parte deles admitiu a negociação coletiva. Doutra banda, proibiu qualquer temporização em relação aos demais, quais sejam:

1. garantia de salário mínimo e proteção do salário contra retenção ilícita;
2. duração do trabalho normal não superior a oito horas diárias e quarenta e quatro semanais (salvo, apenas, compensação);
3. repouso semanal remunerado;
4. redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança;

⁵ "... direitos revestidos de indisponibilidade absoluta (e não indisponibilidade relativa). Tais parcelas são aquelas imantadas por uma tutela de interesse público, por constituírem um patamar civilizatório mínimo que a sociedade democrática não concebe ver reduzido em qualquer segmento econômico-profissional, sob pena de se afrontarem a própria dignidade da pessoa humana e a valorização mínima deferível ao trabalho (arts. 1º, III, e 170, caput, CF/88)" (DELGADO, Maurício Godinho. Curso de Direito do Trabalho. 4ª ed. São Paulo: LTr, 2005, p. 117).

5. não discriminação (trabalho manual, sexo, idade, cor ou estado civil).

Assim, as garantias relativas a salário, jornada, descanso, não-discriminação e segurança e saúde do trabalho formam a matriz da dignidade do obreiro. Havendo o desrespeito a estas normas basilares há afronta à dignidade.

No entanto, para que se configure o trabalho degradante não basta a falta de pagamento de salário mínimo. Muito embora afronte a dignidade do trabalhador não receber sua contraprestação, repita-se, mínima, o trabalho degradante é aquele que, ao se ferir a dignidade de forma grave, coisifica o trabalhador.

Coisificar o ser humano é negar-lhe a condição de homem. É torná-lo simples objeto. Mero insumo na produção. Este conceito escapa ao direito, pois depende de uma verificação no mundo dos fatos. Ou seja, um ser humano pode concluir pela coisificação de outro diante do conjunto de atentados ao patamar civilizatório mínimo. Conforme a gravidade das violações, conclui-se pela coisificação e pela degradância, por consequência lógica.

Ocorre a coisificação quando se verifica, por exemplo:

1. locais usados como “alojamentos” ou moradias sem condições mínimas de habitabilidade: falta de camas e colchões adequados, falta instalações sanitárias, falta de asseio e higiene, ausência de locais adequados para preparo de refeições etc;
2. ausência de condições mínimas de segurança e saúde no ambiente trabalho: ausência de água potável; inexistência de EPI (Equipamento de Proteção Individual) ou fornecimento de EPI, em atividade de alto risco de acidentes ou doenças ocupacionais; ausência de instalação sanitária nas frentes de trabalho;
3. falta de assistência médica nas ocorrências de doenças e acidentes do trabalho;
4. desrespeito ao limite de jornada e ao descanso semanal, deixando o trabalhador sem período suficiente de descanso e sem possibilidade de lazer; etc

Quando se observa, nas inspeções laborais, estas violações, após o levantamento do conjunto das mesmas, o homem médio conclui que o ser humano, naquele estabelecimento, não tem valor maior que uma máquina ou do que a matéria-prima. É um objeto descartável. O homem médio sentenciar que há trabalho em condições degradantes.

Como se vê, a violência aos trabalhadores decorre de um conjunto de ações e omissões do empregador que ferem os mais básicos direitos da pessoa humana, sendo muitos deles protegidos literalmente por leis pátrias e por várias convenções internacionais que o Brasil ratificou. Tudo isso, por configurar trabalho degradante, coloca os trabalhadores em situação semelhante à escravidão, isto é, eles são submetidos a violações de direitos sem poderem reagir e sem buscar a proteção das instituições públicas. Isso, inegavelmente, é viver como se escravo fosse. Nenhum de nós, cidadãos, aceitaríamos tais condições de trabalho e de vida, afora se estivéssemos como eles. Desta forma, dependem totalmente do aparelho estatal para terem assegurado o direito à busca da cidadania através do trabalho digno.

XII - CONCLUSÃO:

Analisando a situação fática descrita no item “VII” acima, podemos seguramente concluir que a mesma se subsume na figura jurídica de submissão de trabalhadores à condição análoga à de escravo (aqui meramente para fins administrativos), na sua modalidade de trabalho degradante.

De fato, todos os integrantes da equipe de fiscalização, tanto do Ministério do Trabalho quanto do Ministério Público do Trabalho, foram unânimes no sentido de que as condições de trabalho a que estavam sendo submetidos os trabalhadores do Sr. [REDACTED] iam de encontro com a legislação pátria e com os princípios pelos quais se pauta a sociedade brasileira moderna. E mais: por ferir a dignidade do trabalhador como pessoa humana, consubstanciava-se em trabalho degradante, uma das formas de trabalho análogo à condição de escravo.

O que nos levou a essa conclusão foi a somatória de um conjunto de agressões aos trabalhadores oleiros, das quais destacamos: a) as precaríssimas condições de moradia a que eram submetidos os trabalhadores; b) a falta de segurança na realização do trabalho, sem adoção de nenhuma medida preventiva para se evitar danos à sua saúde e integridade física do trabalhador; c) a falta de pagamento, nos períodos chuvosos, do piso salarial mínimo, deixando os trabalhadores sem condições de aquisição dos gêneros alimentícios de primeira necessidade; d) o total descumprimento da legislação trabalhista, até mesmo da obrigação primária de registro do empregado, deixando, assim, os trabalhadores desamparados pela Previdência Social por ocasião de infortúnios, como, por exemplo, nos casos de doenças ocupacionais.

O vasto conjunto de infrações encontradas fere vários princípios e dispositivos constitucionais, dos quais elencamos:

- Art. 1º, incisos II, III e IV: a cidadania, a dignidade da pessoa humana e os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- Art. 3º, inciso III: erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- Art. 4º, inciso II: prevalência dos direitos humanos;
- Art. 5º, incisos III, XV e XXIII: vedação de tratamento desumano ou degradante, liberdade de locomoção e função social da propriedade;
- Art. 7º, incisos VIII, X, XII, XVII, XXII, XXIII e XXVIII que garantem gratificação natalina, proteção constitucional dos salários contra retenção, salário-família, férias, obediências às normas de saúde e higiene, adicional de insalubridade e seguro contra acidentes;
- Art. 170, inciso III - função social da propriedade como princípio garantidor da justiça social que a ordem econômica deve proporcionar com a valorização do trabalho humano e da iniciativa privada;
- Art. 186, caput e incisos II e III: cumprimento da função social da propriedade rural pelo atendimento simultâneo da utilização adequada dos recursos naturais, da preservação do meio ambiente e da observância das disposições que regulam as relações de trabalho;
- Art. 193: o primado do trabalho como base para ordem social e o bem-estar e justiça sociais como objetivos.

O direito brasileiro chegou a um patamar mínimo civilizatório em que o empregador está obrigado a conceder, aos seus empregados, condições plenas de trabalho, propiciando-lhes segurança, salubridade e condições mínimas de higiene e conforto. Mas nada disso estava sendo observado. Aliás, sequer condições mínimas de trabalho e moradia eram asseguradas.

O empregador incidira, então, na figura típica de submissão de trabalhador à condição análoga à de escravo, na sua modalidade de trabalho degradante (aqui para fins meramente administrativos, repita-se).

XIII- RESULTADO DA AÇÃO FISCAL:

No balanço da ação fiscal, podemos destacar os seguintes resultados positivos alcançados:



a) a retirada dos trabalhadores das condições degradantes às quais eram submetidos, com o pagamento, por parte do empregador, das verbas rescisórias a que faziam jus;

b) Emissão de Guias de Seguro Desemprego para os trabalhadores resgatados, nos termos do art. 2º-C da Lei n. 7998/90 (cópias anexas);

c) A formalização dos vínculos trabalhistas dos oleiros, com a conseqüente anotação de suas CPTS com data retroativa ao início da prestação laboral, bem como recolhimento dos encargos incidentes;

d) Interdição das atividades e das moradias, com conseqüente orientação do empregador sobre a forma correta de organização do ambiente de trabalho, nele incluídas as moradias, bem como sobre a forma de cumprimento da legislação trabalhista (cópia Termo de Interdição anexa);

e) Assinatura, por parte do empregador, de um Termo de Ajuste de Conduta – TAC- onde o mesmo se compromete perante o Ministério Público do Trabalho a cumprir as normas de proteção ao trabalhador, dentre elas as obrigações de fornecimento de moradias dignas e de condições seguras de trabalho (cópia do Termo em anexo);

f) Assinatura, por parte do proprietário da fazenda, de um Termo de Ajuste de Conduta – TA- onde o mesmo se compromete perante o Ministério Público do Trabalho a cumprir as normas trabalhistas, bem como, a fiscalizar e cobrar dos supostos parceiros/arrendatários requisitos mínimos em relação a todas as moradias das olarias instaladas em sua propriedade, (cópia do Termo em anexo);

g) Disponibilização, com intermediação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quirinópolis, de vagas de trabalho numa usina de álcool da região. Tal empresa se disponibilizou a contratar todos os oleiros resgatados que mantivessem interesse em laborar no cultivo da cana. Dos 64 (sessenta e quatro) trabalhadores resgatados nas 13 (treze) olarias, acredita-se que 30% a 50% manifestaram interesse e já estão trabalhando na referida usina. Além de trabalhar com Carteira de Trabalho assinada e ter garantidos todos os demais direitos trabalhistas, esses trabalhadores terão plano de saúde e remuneração média acima de R\$ 1.000,00 mensais, superior à que recebia nas olarias, trabalhando em condições degradantes.

Além desses resultados, a ação fiscal surtiu efeitos positivos em várias outras regiões de Goiás, principalmente na zona rural dos municípios vizinhos. Isso se deu graças à divulgação da operação nos principais jornais de circulação no estado. Tal afirmação foi corroborada pelo Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Quirinópolis, Sr. [REDACTED] onde este nos informara que a procura de orientações naquela entidade acerca de registro de trabalhadores rurais e meio ambiente de trabalho havia crescido de forma surpreendente.

XIV- OUTRAS INFRAÇÕES E SUGESTÃO DE ENVIO DE CÓPIAS DESTES:

Ressaltamos que existem várias olarias na região que extraem argila para fabricação de tijolos. E que além das infrações à legislação trabalhista, foram constatadas indícios de várias outras violações:

01) Falta de licença dos órgãos ambientais competentes para exploração da atividade, conforme termo de depoimento do próprio empregador (cópia em anexo);

02) Madeira de lei (angico, ipê, pequi, sucupira, baru, etc) usada como lenha na queima de tijolos, sendo que não possuíam documento de origem florestal da lenha;

03) Falta de recolhimento de impostos na venda dos tijolos, os quais eram vendidos para vários depósitos dos municípios vizinhos, dentre eles o “Depósito Sarico”, no município de Rio Verde-GO.

Assim, sugerimos envio de cópia deste relatório, para, além dos órgãos da *praxe*:

a) DEMA – Delegacia Estadual do Meio Ambiente.

End. Rua T-48, Qd. 12, nº 666, Setor Bueno. Goiânia-GO. CEP 74.210-190

Fones: (62) 3201-2637 e Fax (62) 3201-2632;

b) IBAMA - Inst. Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

End. Rua 229, nº 95, Setor Universitário. Goiânia-GO. CEP 74.605-090.

Fones: (62) 3901-1931 ; (62) 3901-1918 e Fax (62) 3901-1990;

c) Agência Ambiental de Goiás.

End.: 11ª Avenida, nº 1.272, Setor Leste Universitário. Goiânia-GO. CEP 74.605-060

Fone: (62) 3265-1300;

d) Ministério Público do Estado de Goiás, Comarca de Quirinópolis-GO.

End.: Rua Rui Barbosa, 107, Centro. Quirinópolis-GO. CEP 75.860-000.

Fones: (64) 36651-2188. (Gouvelândia pertence a Comarca de Quirinópolis);


e) Secretária da Fazenda do estado de Goiás – SEFAZ/GO.

End.: Av. Vereador José Monteiro, 2233, Setor Vila Nova, Goiânia-GO. CEP 74.643-900

Fone: (62) 3260-2000.

É o relatório.

Goiânia/GO, 12 de maio de 2011.



XV- ANEXOS:

- 01) Cópia das denúncias;
- 02) Cópia do Termo de Interdição da olaria;
- 03) Cópias dos autos de infração lavrados contra o empregador;
- 04) Termo de depoimento do empregador;
- 05) Termos de depoimentos dos trabalhadores;
- 06) Relação e cópias das Guias de Seguro Desemprego emitidas;
- 07) Cópia de Termo de Ajuste de Conduta (TAC) firmada entre a empregadora e Ministério Público do Trabalho;
- 08) Cópia de Termo de Ajuste de Conduta (TAC) firmada entre o dono da fazenda e Ministério Público do Trabalho;
- 09) Planilhas de cálculos das verbas rescisórias;
- 10) Recibos de pagamentos das verbas rescisórias.